

ÍNDICE

| | |
|---|----|
| 1. <u>INTRODUÇÃO</u> | 1 |
| 2. <u>OS MEIOS E A SUA INFLUÊNCIA NA CONDUTA DAS OPERAÇÕES</u> | 4 |
| 2.1. <u>Dos Primórdios à 1ª Revolução Industrial</u> | 4 |
| 2.2. <u>De Napoleão ao Términus da I G.M.</u> | 7 |
| 2.3. <u>Da II G.M. até aos Nossos Dias</u> | 10 |
| 3. <u>PENSAR EM PROFUNDIDADE</u> | 12 |
| 3.1 <u>Generalidades</u> | 12 |
| 3.2 <u>Operações em Profundidade, Próximas e Retaguarda</u> | 14 |
| 3.2.1 Operações em Profundidade | 14 |
| 3.2.2 Operações Próximas | 16 |
| 3.2.3 Operações de Retaguarda | 18 |
| 4. <u>FORMAS DE DEFESA</u> | 19 |
| 4.1 <u>Análise das Finalidades da Defesa</u> | 20 |
| 4.2 <u>Defesa de Posição vs Defesa Avançada</u> | 20 |
| 4.3 <u>Defesa Avançada vs Defesa De Área</u> | 22 |
| 4.4 <u>Defesa Avançada vs Defesa Avançada (RU/EUA)</u> | 24 |
| 4.5 <u>Defesa em Profundidade vs Defesa Móvel</u> | 24 |
| 4.6 <u>Conclusões</u> | 25 |
| 5. <u>GUERRA DE MANOBRA</u> | 26 |
| 5.1. <u>Generalidades</u> | 26 |
| 5.2. <u>Ciclo de Boyd ou “OODA LOOP”</u> | 27 |
| 5.3. <u>Guerra de Manobra</u> | 29 |
| 5.3.1 Antecipação | 30 |
| 5.3.2 Deslocalização | 31 |
| 5.3.3 Disrupção | 32 |
| 5.4. <u>Funções Centrais da Guerra de Manobra</u> | 33 |
| 6. <u>CONCLUSÕES</u> | 37 |
| 7. <u>PROPOSTA</u> | 39 |

BIBLIOGRAFIA

ANEXO A - Definições com Interesse para o Trabalho

ANEXO B - Doutrina da Defesa Elástica em Profundidade

ANEXO C - Quadro Resumo

ANEXO D -Exemplo Histórico - Operação Cobra

ANEXO E - Esquema Anotado

ANEXO F - Finalidade e Formas de Defesa

ANEXO G - Exemplos Históricos - Antecipação

ANEXO H - Exemplos Históricos - Deslocalização

ANEXO I - Exemplos Históricos - Disrupção

1. INTRODUÇÃO

“Embora os nossos objectivos possam permanecer imutáveis, as capacidades do Exército não podem. O combate está em mudança: devemos procurar manter-nos na vanguarda dessas mudanças, para sermos o poder de decisão da Nação”

Gen Dennis J. Reiner

As relações internacionais são, na actualidade, um verdadeiro impulsionador de novas estratégias, associadas a novas tecnologias que por sua vez estão também na origem de novas doutrinas, geradoras de novas tácticas, técnicas, normas, procedimentos e processos.

Com efeito, constata-se que o mundo actual é marcado pela globalização e pela formação de alianças, pelo extraordinário poder da opinião pública, influenciador das decisões políticas, por contornos até agora desconhecidos de novos conflitos e onde a detenção de tecnologia, constitui um multiplicador do potencial. Neste complexo e volátil contexto é absolutamente essencial para qualquer organização colocar-se na vanguarda deste processo de mudança ou que, pelo menos, possua a capacidade de o acompanhar. Tal desiderato implica estruturas flexíveis e actuais, geridas e accionadas por quadros altamente especializados e motivados.

O mesmo processo evolutivo é aplicável à instituição militar pois, se no passado, o sucesso no campo de batalha, dependeu do reconhecimento pelos “*Grandes Capitães*” das suas possibilidades e limitações, devido ao impacto da tecnologia, no futuro será caracterizado pelo comando em combate, pelo espaço de batalha ampliado, pela simultaneidade e onde a supremacia no espectro – electromagnético se revelará de importância crucial.

Neste contexto uma força adversa deve ser analisada como um “*sistema*”¹, que associado ao poder de influência da opinião pública (consubstanciado na política de zero baixas ou mínimo de danos colaterais), força-nos a procurar novas formas de actuação que coloquem o oponente perante ameaças múltiplas, por forma a desagregar os seus componentes, conseguindo resultados que, de outra forma, exigiriam um muito maior dispêndio de homens e de material.

Sabendo que “*não podemos ferir o princípio de que as missões são para serem cumpridas e porque não devemos cometer a imoralidade de ordenar missões superiores à capacidade das unidades, as únicas soluções são mantermos as missões, ajustando os meios às novas realidades ou, mantendo os meios, alterarmos as missões*”.²

Tendo como referencial o racional anteriormente descrito, pretendemos, no final deste trabalho, provar que **o sucesso de uma defesa consegue-se:**

- Limitando a liberdade de acção do adversário e alterando o seu ritmo para nossa vantagem;
- Criar condições para manobrar, por forma a diminuir o atrito e colocar o adversário perante um dilema;

Tais acções terão como finalidade levar ao aumento da entropia³ e impedir o cumprimento da missão por parte da força adversária.

Para tal propomo-nos, inicialmente efectuar uma breve incursão histórica, procurando

¹ Conceito de Sistema - conjunto de unidades reciprocamente relacionadas, que definem um arranjo, visando sempre um propósito ou objectivo a alcançar. Ludwig Von Bertalanffy, Teoria Geral dos Sistemas, op. cit.

² BARRENTO, Gen A.E.Q.Martins - Boletim IAEM, N°26/91; Pág.10.

³ ENTROPIA - é a tendência que os sistemas têm para o desgaste, para a desintegração, para o afrouxamento dos padrões e para o aumento da aleatoriedade. À medida que a entropia aumenta, os sistemas decompõem-se em estados mais simples. James G. Miller; Living Systems. Basic Concepts. Behavioral Science - 10Jul,1965; pág. 196.

determinar como a evolução dos meios e os processos adoptados pelos grandes comandantes, influenciaram a profundidade e as formas de defesa.

Se a nossa capacidade de ver, seguir, atacar e impor a nossa vontade ao adversário, tem revolucionado a nossa forma de actuação, vamos no segundo capítulo ressaltar o “*Pensar em Profundidade*” e assim demonstrar como esta acção permite reduzir a flexibilidade do adversário, degradar a sua liberdade de acção e consequentemente obrigá-lo a alterar os seus planos.

O terceiro capítulo traz-nos um estudo comparativo das finalidades e formas de defesa, entre o que é preconizado pela doutrina nacional e as vigentes noutros exércitos aliados, procurando salientar as vantagens e inconvenientes que umas oferecem em relação às outras.

Se prever e antecipar, tentando forçar o adversário a lutar em situação desvantajosa, é o objectivo de qualquer força; o quarto capítulo será dedicado à explicação dos conceitos relativos à “*Guerra de Manobra*” e à demonstração das vantagens que resultam da adopção desta forma de combate.

Finalmente procuraremos retirar as principais conclusões, tendo como finalidade efectuar uma proposta que procurará responder ao objectivo deste trabalho “*O Conceito de Profundidade e as Formas de Defesa*”.

Num mundo em que a tecnologia garante aos meios militares a possibilidade de retirar o máximo rendimento da mobilidade e poder de fogo e, em que os modelos organizacionais reflectem essas características, é essencial para qualquer exército avaliar as possibilidades que o conceito de profundidade confere e adaptar as suas formas de defesa, tendo em vista o maximizar destas potencialidades.

Procurando clarificar alguns conceitos referidos no presente trabalho, juntam-se em anexo as definições que permitirão conseguir tal desiderato - Anexo A.

2. OS MEIOS E A SUA INFLUÊNCIA NA CONDUTA DAS OPERAÇÕES

“A história é experiência universal... Aqui está a explicação racional de se ter a história militar como base da educação militar - o seu valor prático, preponderante para a formação e desenvolvimento mental do militar”.⁴

A evolução tecnológica dita o tipo de armas à disposição do homem para fazer a guerra e como consequência tem implicações na organização dos exércitos, na sua forma de actuação e no fenómeno guerra em geral.

2.1. Dos Primórdios à 1ª Revolução Industrial

Até ao final da Idade Média podemos afirmar que são as características da região e o clima que dão corpo ao anteriormente referido. A Oriente os exércitos surgem com protecção ligeira, o arco como arma dominante, o predominando o fogo, em detrimento do choque, a surpresa e a flexibilidade em vez da rigidez, caracterizando-se os exércitos, em termos organizativos, pela ordem aberta, dispersa segundo a frente e/ou a profundidade e praticando a ordem oblíqua.

A Ocidente as preferências recaem sobre combatentes apeados e bem protegidos, com uma organização baseada na falange, constituída por uma massa de infantes, que se dispõem segundo a frente e a profundidade em ordem cerrada e onde, uma vez lançado o ataque, a decisão é conseguida pela força física, vigor do choque e bravura do contendor. Com tal caracterização, o êxito na batalha advêm mais da arte e engenho dos comandantes, do que da capacidade dos meios existentes, como aliás é possível constatar nos seguintes exemplos:

⁴ HART, Liddel - As Grandes Guerras da História; IBRASA; S. Paulo-1982; pág.4.

- Batalha de Maratona: Os Persas em vez de efectuarem um avanço directo sobre Atenas desembarcaram a vinte e quatro milhas a nordeste, visando atrair o exército ateniense para Maratona enquanto o grosso da força persa, voltava a embarcar e a coberto de uma força de cobertura, desembarcava em Falero e investia sobre Atenas, agora desprotegida (ardil);
- Epaminondas introduziu na táctica a ordem oblíqua - Batalha de Leuctras - e na estratégia utilizou o modo indirecto na Batalha de Mantinea, investindo sobre o ponto menos protegido do adversário (inovação/surpresa);
- Belisário “ *procurou demonstrar aos seus comandantes que a verdadeira vitória consiste em obrigar o adversário a abandonar a sua missão, com o mínimo de perdas*”⁵

“*Era um mestre na arte de transformar a sua fraqueza. A sua táctica fundamentava-se na exploração da característica mais importante da acção indirecta: fazer com que o dispositivo do adversário se desequilibrasse para que uma de suas partes ficasse exposta e pudesse assim ser deslocada*”.⁶

O arreio, a sela e a ferradura levam à predominância da cavalaria e ao declínio da infantaria e no entanto, a mobilidade que o cavalo parece trazer não se constata no campo de batalha. O movimento é utilizado não para envolver, mas sim para aumentar o poder de choque. Os processos tácticos e organizativos das falanges sofrem pequenas adaptações por forma a melhor sustermem o choque adversário e permitirem a suficiente mobilidade para o destruir.

⁵ Idem, pág.50

⁶ Idem, pág.62

O destroçar da muralha de Constantinopla pela artilharia de Maomé II, em 1453, é o acontecimento usado para definir o início da Era Moderna, que se caracteriza pelo incremento do poder de fogo. Começa a época da pólvora onde a artilharia se impõe e como consequência modifica-se a táctica e a organização dos exércitos.

Gustavo Adolfo tira proveito do aumento do poder de fogo e introduz modificações no sistema. O binómio fogo - choque leva, por um lado, a que o aumento do poder de fogo próprio diminua o número de fileiras nos dispositivos militares e reduza a importância dos piqueiros mas por outro lado, o aumento do poder de fogo adverso, gerou menores formações, maiores intervalos, entre unidades, e maior mobilidade. A primitiva ordem cerrada e profunda, foi abrindo e estreitando progressivamente, atingindo características de ordem aberta e estreita ou linear.

Mas, neste período era ainda a arte e engenho dos comandantes que ditava o sucesso do combate, como claramente se demonstra nas seguintes citações:

“Numa época em que a rigidez da organização táctica dos exércitos tornavam muito difícil a manobra estratégica, Marlborough conduz na guerra da Sucessão Espanhola uma manobra de tão amplo alcance, incidindo sobre um ponto tão distante de suas bases e afastado dos interesses directos que defendia no Norte; foi audaciosa sob qualquer prisma em que seja considerada, principalmente levando-se em conta a estratégia cautelosa aplicada na época. Sua segurança residia exclusivamente no efeito da surpresa obtida pela escolha conveniente da direcção de marcha que permitisse, em cada etapa, dar ideia de ser dirigida para objectivos os mais diferentes, deixando o inimigo em dúvida

*sobre qual deles seria o verdadeiro”.*⁷

Por seu lado Frederico levou ao mais alto grau a possibilidade de manobrar com a ordem linear, conseguindo materializar taticamente a ordem oblíqua e a concentração de forças. *“Sempre dispôs de um instrumento militar tático superior ao dos seus inimigos e de uma posição central. Isso permitia-lhe praticar o que comumente é chamado de - estratégia de linhas interiores⁸ -; investindo de um centro sobre qualquer ponto situado na circunferência, tirava proveito da menor distância em que sempre se encontrava para concentrar-se sobre uma das forças inimigas antes que esta pudesse ser apoiada pelas de mais”.*⁹

Podemos concluir que as manobras operacionais tinham por finalidade, forçar o adversário a aceitar a batalha em condições desvantajosas. A batalha trava-se por mútuo consentimento, os comandantes esforçavam-se por só aceitar a batalha quando a vitória estava praticamente assegurada, ou pela superioridade numérica a ser favor ou pela vantagem que o terreno proporcionava.

2.2. De Napoleão ao Términus da I G.M.

O desenvolvimento da espingarda (precisão e alcance) proporcionou uma potência de fogo acrescida e conferiu autonomia tática a um destacamento isolado, o que permitiu aos exércitos fraccionarem-se para se deslocar.

Napoleão apreendeu:

- *“ De Bourcet, o principio da dispersão planeada, como um meio de obrigar o adversário a dispersar, também, a sua concentração e facilitar-lhe, assim, a obtenção da superioridade de que necessitavam em determinado local”.*¹⁰

⁷ Idem;pág.90.

⁸ Também designada de Manobra por Linhas Interiores aplicada pela última vez na Guerra do Yom Kippur – 1973.

⁹ HART, Liddel - As Grandes Guerras da História;IBRASA;S.Paulo-1982,pág.104.

¹⁰ Idem;pág.112.

- *“De Guibert, adquiriu a noção da importância que passou a dar à mobilidade, à dispersão das forças e ao valor operacional de suas novas divisões”.*¹¹

Concebeu, então, um sistema que assentou na distinção absoluta entre o dispositivo da manobra operacional disperso e o dispositivo de batalha concentrado. Com este sistema, o adversário não podia afastar-se e era obrigado a aceitar a batalha mesmo em desvantagem, ou seja era colocado perante um dilema, o que levava a um aumento da entropia no seu sistema.

O dispositivo napoleónico reflectia um carácter ofensivo e caracterizava-se pela ordem descontínua, elástica e profunda; em contraponto com o sistema inglês, predominantemente defensivo, pautando-se pela ordem descontínua e linear.

A aceleração da Revolução Industrial no início do Séc. XIX permite o fabrico em série, a padronização e o uso de peças intermutáveis. O aumento exponencial do poder de fogo conjugado com o dos efectivos dos exércitos, levou a que o anterior dispositivo, de colunas paralelas, se transformasse em frente; ou seja, o dispositivo de marcha e de batalha tornaram-se tão densos, assemelhando-se a uma muralha contínua.

O predomínio do fogo favoreceu a defesa e desenvolveu-se a fortificação de campanha recorrendo às covas de lobo, trincheiras, arame farpado e campos de minas. (Isto foi constatado na Guerra Russo-Nipónica, na Guerra Anglo-Boer e com maior nitidez na I Guerra Mundial).

Entretanto, o dispositivo ao nível das pequenas unidades tendeu para a fluidez, já que a dispersão minimizou os efeitos dos fogos adversos o que associado ao aperfeiçoamento das armas de fogo, permitiu bater os intervalos, garantindo o apoio mútuo. Ao nível das grandes unidades, o dispositivo evoluiu para a ordem

¹¹ Idem, pag. 117.

linear e relativamente cerrada, visando maximizar o poder de fogo e impedir que o adversário rompesse a posição defensiva.

As frentes perdem profundidade por troca com a extensão em largura, pelo que a manobra operacional resume-se à tentativa de realizar o envolvimento dos flancos descobertos, sabendo de antemão que este só seria decisivo se fosse realizado antes da chegada das reservas adversárias.

A I G.M. surge-nos assim, com frentes contínuas e estáticas, que se admite serem devidas aos seguintes factos:

- Os envoltimentos eram ineficazes porque as reservas eram transportadas por caminho de ferro e camiões, em contraponto com os ataques apeados;
- Para fazer face às tentativas de rotura e penetração recorre-se a sistemas de defesa elástica ¹², organizando um conjunto de centros de resistência em profundidade (15 a 20 Km) por forma a manter as unidades em reserva fora do alcance da artilharia adversa, combinando a resistência com manobras de retardamento e contra - ataques.
- A Artilharia e o apoio de combate e de serviços às unidades da frente não tinham a mobilidade destas, exigindo o seu reposicionamento após um ataque, o que consumia tempo e permitia ao adversário colmatar a brecha.

“Uma conclusão lógica é de que na guerra convencional é aconselhável utilizar uma forma de acção indirecta que procure uma decisão rápida, obrigando o adversário a cair numa cilada, caso com isso haja boas perspectivas de êxito. Caso contrário ou depois de ter falhado tal estratégia, deve-se escolher uma forma de acção indirecta que objective uma decisão

¹² Anexo B.

*futura, minando a força e a vontade do adversário. Tudo é aceitável menos a acção directa”.*¹³

O aparecimento do carro de combate, em 1917, obriga a alterar a forma de defesa, levando à constituição de fortes reservas nas segunda e terceira linhas defensivas à custa da primeira linha, o que leva a um aumento da profundidade para quebrar o ímpeto do adversário, garantindo uma maior capacidade de resistência à posição defensiva – o que pode considerar-se como o embrião da defesa de área.

2.3. Da II G.M. até aos Nossos Dias

Em 1940, a utilização conjunta do carro de combate e do avião (choque e mobilidade, aliados ao poder de fogo), opõe-se à frente linear e estática francesa, o que conduz a roturas rápidas e violentas, seguidas de uma fase de exploração como forma de garantir que a coesão da defesa, jamais pudesse ser readquirida. Da ordem linear (que a predominância do fogo justificava) passa-se para uma ordem descontínua, profunda e elástica.

Verificou-se que a mobilidade do ataque era infinitamente superior à da I G.M., o que fez com que fosse de novo possível a manobra táctica.

O uso extensivo do CC levou a doutrina defensiva a contemplar a organização de áreas a manter a todo o custo, o uso de forças de segurança e a constituição de reservas móveis. A posição compreendia agora, uma zona de resistência, organizada em áreas de defesa que se apoiavam mutuamente, dispostas em largura e na profundidade, concebidas para a defesa em todas as direcções.

Após a II G.M. e até aos nossos dias assistiu-se a uma evolução tecnológica sem precedentes. O factor nuclear fez ressaltar a necessidade de dispersão e

¹³ HART, Liddel - As Grandes Guerras da História; IBRASA; S. Paulo - 1982; pág. 209

mobilidade das forças, pelo que a forma privilegiada de defesa passou a ser a móvel em detrimento da de posição ou linear.

Mais tarde e para fazer face ao elevado potencial de combate do ex - Pacto de Varsóvia, os EUA põem em prática o conceito de defesa activa¹⁴.

Esta defesa consistia em, inicialmente concentrar forças nas zonas de esforço do adversário, admitindo riscos nas outras zonas e posteriormente conduzir nessas zonas de esforço uma defesa que permitisse fazer face à reiteração de esforços do adversário com um reforço das forças de defesa escalonadas em profundidade. Esta manobra pressupunha a detecção do esforço do adversário e a cedência de terreno, uma vez que a penetração era detida na profundidade.

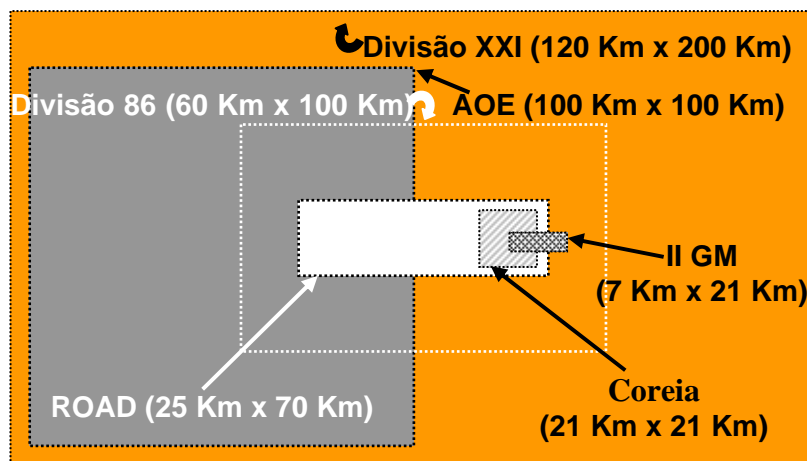
Em jeito de conclusão podemos afirmar que a II G.M. constituiu o ponto culminante da utilização de sistemas em que a padronização e a massificação imperavam. Com a disseminação do computador - no campo técnico - e com a queda do Muro de BERLIM - no campo político - o ambiente alterou-se criando-se novos espaços de manobra ao mesmo tempo que se garantiam novas possibilidades tecnológicas que vieram permitir a implementação de um novo sistema que, ao contrário do anterior, para privilegiar a descentralização, a diversidade e a desmassificação.

A mobilidade acrescida das modernas forças terrestres permitindo um elevado nível de flexibilidade, deve ser explorada, por forma a tornar possível a dispersão - concentração e assim potenciar a acção indirecta.

*“As operações abandonaram definitivamente o carácter linear e passaram a desenvolver-se em profundidade”.*¹⁵

¹⁴ Esta forma de defesa nunca foi bem aceite pelos alemães, uma vez que o território era seu; o que levou a que fosse abandonada.

No esforço de antecipação permanente, por forma a fazer face aos imprevisíveis e desconhecidos desafios do futuro, há que tirar actualmente partido das tecnologias emergentes e dos novos modelos organizacionais concebendo-se forças capazes de operar em domínios até agora inimagináveis. Vejamos um de ordem geográfica, por comparação com os seus antecessores.



Evolução da AOp da Divisão¹⁶

Em anexo apresentamos um quadro resumo, que procura caracterizar qual a influência que os meios tiveram nas operações de defesa e na profundidade - Anexo C.

3. PENSAR EM PROFUNDIDADE

3.1 Generalidades

A tecnologia permite aos exércitos, fazer mais empregando menos ao mesmo tempo que reduz/minimiza o número de baixas, pois é um significativo multiplicador do potencial. Contudo, há que reconhecer que, isoladamente, não irá eliminar o atrito, o acaso e a incerteza que são parte integrante das operações militares. Uma forma de atenuar estes efeitos, consiste na aplicação simultânea do potencial de combate, ao longo de toda a área de operações, permitindo provocar o

¹⁵ CALÇADA, TenCor Cav José Carlos F. A. - Elementos de Tática; IAEM-1998; pág.40.

¹⁶ JORDAN TC Billy J./REARDON, TC Mark J.; Reestruturando a Divisão - Military Review, 2º Trim 99; pág.9.

colapso no “*globalismo ou totalidade*”¹⁷ do sistema adversário, enfraquecendo a sua vontade de combater e retirando eficácia às suas acções.

Tendo como pano de fundo as considerações anteriormente referidas, iremos analisar, desde já, qual o entendimento de profundidade à luz da doutrina nacional comparativamente à doutrina americana.

*“A defesa deve ser organizada em profundidade, a fim de o defensor poder canalizar, desviar ou deter o inimigo antes que estes atinja terreno decisivo e posteriormente, poder destruí-lo ou expulsá-lo por contra - ataques. A profundidade é obtida através de um dispositivo em profundidade das unidades de combate e de apoio de combate; da organização de posições suplementares e alternativa; e da localização adequada das reservas. A defesa em profundidade garante capacidade de resistência”*¹⁸

*“A profundidade da posição é necessária para adquirir liberdade de acção, ganhar tempo para reagir e absorver o ímpeto do ataque inimigo. Obtém-se pela atribuição de espaço suficiente para o emprego de elementos de segurança, para a utilização das armas de longo alcance e meios de guerra electrónica,...”*¹⁹. Ou seja, estas acções respeitam à zona de segurança e zona de resistência.

Por seu lado a doutrina de referência entende a profundidade como a “*extensão das operações em tempo, espaço, recursos e objectivos*”;²⁰ pelo que é possível concluir que este conceito é mais abrangente e podemos relacioná-lo com a ideia

¹⁷ Globalismo ou Totalidade - Todo o sistema tem uma natureza orgânica, pela qual uma acção que produza mudança numa das unidades do sistema, com muita probabilidade deverá produzir mudanças em todas as outras unidades deste. Em outros termos, qualquer unidade de sistema afectará todas as demais unidades, devido ao relacionamento existente entre elas. James G. Miller; Living Systems. Basic Concepts. Behavioral Science - 10Jul,1 965; pág. 196.

¹⁸ Regulamento de campanha-operações;EME,Vol.1-1971; pág. 291.

¹⁹ RC130-1-Operações;EME,vol.1-1987; pág. 9-5.

²⁰ FM 100-5, OPERATIONS; pág. 2-7.

de simultaneidade, isto é, empenhar em combate a frente e a retaguarda do sistema do adversário.

Numa análise dos conceitos explanados podemos retirar que, o objectivo da profundidade nas operações defensivas está relacionado com áreas de actuação diferenciadas e em que a execução de acções nessas áreas levam ao insucesso do ataque da força adversária.

3.2 Operações em Profundidade, Próximas e Retaguarda

Na elaboração de um plano de defesa, a sincronização das sucessivas e variadas acções que se pretendem levar a cabo, deve constituir uma preocupação/prioridade do comandante. Esta tarefa pode ser conseguida articulando as acções em três tipos: Profundas, Próximas e de Retaguarda, definindo claramente a finalidade ou resultado a atingir com cada uma delas.

Os termos profundo, próximo e retaguarda são usados para descrever como estas três operações se relacionam umas com as outras, quer em termos funcionais (o que têm de alcançar), quer geográficos (onde têm de alcançar). Estas operações devem ser vistas como um todo, que requer sincronização permanente e cuidadosa e, onde necessário, integração/coordenação entre níveis de comando.

3.2.1 Operações em Profundidade

Segundo Clausewitz os “... *quatro componentes que constituem a atmosfera de guerra são o perigo, o esforço físico, a fricção (acaso) e a informação (incerteza)*”²¹. Constituindo as duas primeiras uma constante durante toda uma campanha, as últimas podem/devem ver os seus efeitos atenuados pelo combate em profundidade.

²¹ CLAUSEWITZ, Carl Von; ON WAR - Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1984; pág 122.

As operações em profundidade permitem expandir o campo de batalha no tempo e no espaço, caracterizando-se pela assunção de um cariz predominantemente ofensivo e visando as seguintes finalidades:

- Conquista de um objectivo
- Derrota de uma formação específica da força adversária.
- Interditar linhas de comunicações.
- Bloquear/impedir/isolar reforços.
- Destruir instalações de apoio logístico.
- Destruir Postos de Comando e Controlo
- Impedir a retirada das forças adversárias.

Face às finalidades descritas podemos afirmar que estas operações são conduzidas na zona de segurança e para além desta.

Na doutrina nacional, estas operações, são conduzidas contra forças em 2º escalão do escalão correspondente ao nosso (zona de segurança), apesar de que como facilmente se infere pelas finalidades anteriormente referidas, a natureza e a localização do objectivo encontram-se intimamente relacionadas com a missão.

As operações em profundidade permitem ao comandante ditar ONDE, QUANDO, e SOB QUE CONDIÇÕES ele enfrentará as suas operações próximas.

Podemos pois, afirmar, que a condução de operações em profundidade tem como finalidade:

- Encontrar e fixar/desgastar a força adversária.
- Diminuir a coerência e o tempo/ritmo das acções do adversário.

- Restringir a sua liberdade de acção, ajudando a criar condições favoráveis para a condução das operações próximas (que deixam de ser o fulcro se este combate tiver êxito).

Estamos perante um quadro em que o objectivo é o de provocar o máximo de entropia no sistema do adversário, fruto de actuarmos no seu globalismo/totalidade não lhe permitindo a *homeostásia*²².

Apresentamos em anexo um exemplo recente procurando consubstanciar o valor deste tipo de operações - Anexo D.

3.2.2 Operações Próximas

O quadro em que estas acções se inserem é caracterizado pelo máximo de entropia para ambos os contendores.

Se observarmos os conceitos referidos na introdução, constata-se que os respeitantes à doutrina nacional reflectem apenas as acções a desenvolver nas operações próximas (zona de segurança e zona de resistência) e referem que essa profundidade se consegue *“através de um dispositivo em profundidade” “espaço suficiente para emprego de elementos de segurança, para a utilização das armas de longo alcance e meios de GE, para utilizar posições de combate principais, suplementares e de alternativa, obstáculos e fogos ao longo do sector e, ainda, para o posicionamento e movimento das reservas e unidades de apoio”*.

Esta dimensão espacial é referida ao Terreno e se atendermos a que *“uma situação defensiva é geralmente uma situação de inferioridade do*

²² HOMEOSTÁSIA - é o equilíbrio dinâmico entre as partes do sistema. Os sistemas têm uma tendência a adaptarem-se com a finalidade de alcançarem um equilíbrio interno em face das mudanças externas do meio ambiente. James G. Miller; Living Systems. Basic Concepts. Behavioral Science - 10Jul,1965; pág. 196.

defensor”²³ devemos potenciar as vantagens da nossa escolha - o local onde a defesa está implantada.

Para reduzirmos a entropia que o sistema adverso pretenda provocar, devemos tirar partido, em toda a profundidade da posição, dos acidentes que proporcionem bons campos de tiro e observação, potenciando o poder de fogo, nos cobertos e abrigos, minimizando os efeitos do fogo adverso e na capacidade/possibilidade de implantar obstáculos que podem dificultar ou canalizar os movimentos do adversário. Em suma o terreno é um elemento que pode permitir valorizar o nosso potencial a um nível que:

- Impeça o adversário de manobrar
- Reduza o potencial do adversário através do atrito

Para o sucesso destas acções muito contribui o poder de fogo que deve ser entendido não como um apoio, mas como decorrente do conceito de armas combinadas²⁴, pois estas não empregam mais poder de fogo, mas o seu emprego é mais eficaz, ou seja faz ressaltar a teoria de Bourcet - colocando o adversário perante um dilema.

Em resumo podemos afirmar que a profundidade na defesa, garante:

- Por um lado capacidade de amortecimento e perda de ímpeto, levando à erosão do ataque adversário;
- Por outro lado criar condições que nos permitam manobrar e desta forma derrotar/destruir o adversário.

²³ BARRENTO, TenCor António M.;REFLEXÕES SOBRE A DEFENSIVA - Revista Militar;Nº7/8-1981; pág 666.

²⁴ Princípio da Complementaridade e da Massa - Maior diversidade e volume de fogos no local pretendido, criando ameaças múltiplas.

3.2.3 Operações de Retaguarda

As operações de retaguarda incrementam a profundidade das operações e constituem-se no garante dos recursos que permitem variar o tempo/ritmo das operações.

Estas acções terão como objectivo as operações em profundidade da força adversária e como tal devem assegurar a liberdade de acção, protegendo a força na área das operações próximas, garantir o apoio às operações de combate, ou seja ter capacidade para fazer face às acções adversárias desenvolvidas na sua área. Estamos perante um quadro em que se pretende impedir que a nossa entropia aumente e que viabilize a homeostásia do nosso sistema.

Resumindo podemos afirmar que a simultaneidade destes três tipos de operações quebram a interacção essencial entre os componentes do sistema adversário e criam a possibilidade de derrotá-los separadamente pelo que “*PENSAR EM PROFUNDIDADE*”, pode ser consubstanciado tendo por finalidade: “*A ruptura da sinergia entre os elementos componentes do sistema adversário; combate simultâneo dos componentes operacionais estruturados hierarquicamente ao longo da profundidade do sistema adversário e o desenvolvimento do “momentum” operacional, excedendo a capacidade relativa do sistema adversário*”²⁵.

Apresentamos em anexo um esquema anotado, que procura caracterizar a condução deste tipo de acções - Anexo E.

²⁵ NAVEH-Shimon; IN PURSUIT OF MILITARY EXCELLENCE; Cummings Center - 1997; pág 257.

4. FORMAS DE DEFESA

Analisando a evolução histórica do nosso país, constatamos que após a fase de conquista territorial, Portugal adoptou sempre uma postura reactiva²⁶, na tentativa de preservar a todo o custo a integridade do Território Nacional. A nossa integração na Aliança veio reafirmar este postulado por, na sua génese, esta ser uma Aliança de carácter defensivo. Esta atitude manteve-se, até aos nossos dias, uma vez que o actual Conceito Estratégico de Defesa Nacional prevê, também, a manutenção de uma postura defensiva.

Por seu lado o Gen. Loureiro dos Santos refere, no patamar estratégico “*a importância dos arquipélagos como possibilidade de efectuar uma defesa em profundidade e como pontos base de recuperação do controlo sobre o Território Nacional*”²⁷. Entendemos que se este pressuposto foi válido à época, a evolução tecnológica traduzida no exponencial aumento da mobilidade estratégica, operacional e táctica, veio colocar em causa este conceito, fazendo ressaltar a pouca profundidade geográfica que caracteriza o nosso território.

Por outro lado, uma análise do Sistema de Forças Nacional (SFN), permite verificar que as nossas principais componentes (GU de escalão Brigada) e no que respeita à sua composição e possibilidades, não garantem por si só a condução da totalidade das cinco acções de defesa²⁸.

²⁶ Ao contrário de Israel, país com as mesmas características geográficas que o nosso e, que optou por uma postura pró - activa, ou como é designada no TR 70-30-08 “*Ofensiva preventiva*” - antecipação a um ataque denunciado, de que é exemplo a Guerra dos Seis Dias.

²⁷ SANTOS, Gen José A.L.; COMO DEFENDER PORTUGAL; IAEM-1991; Pág.36

²⁸ Da análise efectuada admite-se:

BMI - Capacidade para conduzir uma de três acções - Defender em sector; constituir reserva ou força de segurança do escalão superior.

BAI e BLI - Capacidade para conduzirem uma de duas acções - Defender em sector; constituir reserva geral do patamar operacional.

Face às limitações da falta de profundidade do Território Nacional e das inerentes às capacidades do SFN, a forma de maximizar a capacidade de defesa assenta sobretudo na manobra táctica e estratégica a empregar.

Assim, justifica-se analisar detalhadamente, diferentes formas de defesa, por forma a poder concluir sobre aquela que melhor satisfaz os interesses nacionais.

Apresentamos em anexo os quadros referentes às formas de defesa analisados - Anexo - F.

4.1 Análise das Finalidades da Defesa

Quanto à finalidade da defesa os conceitos apresentados são unânimes, podendo consubstanciar-se como:

- Emprego de meios e processos que têm por finalidade impedir o sucesso de um ataque adversário;
- Criar condições para passar à ofensiva.
- Medida dissuasora (constituindo-se a defesa como uma capacidade)

4.2 Defesa de Posição vs Defesa Avançada

As grandes diferenças que ressaltam nestas formas de defesa são:

| Defesa De Posição | Defesa Avançada |
|--|---|
| Manter a posse ou controlo de áreas específicas de terreno. | Atribuição da maior parte do potencial de combate e definição do esforço defensivo posicionando forças junto da OAZR. |
| Defensor prepara-se para travar o combate decisivo e para cumprir a sua missão <u>primariamente</u> batendo o inimigo à frente da OAZR. | O combate decisivo desenrola-se à frente da OAZR, com o apoio de um grande volume e variedade de fogos. |
| Os contra - ataques destinam-se, forças inimigas que tenham penetrado na <u>posição</u> e ameacem terreno importante para a defesa, por forma a restabelecer a integridade daquela. | Os contra - ataques destinam-se, a <u>destruir o inimigo além da OAZR</u> ou expulsar, por forma a restabelecer a integridade daquela. |

Constata-se que a Defesa de Posição pressupõe a existência de terreno fundamental²⁹, o que significa que ainda é possível continuar a cumprir a missão admitindo penetrações na Zona de Resistência, permitindo o contra-ataque do escalão superior, desde que se garanta a posse deste terreno.

Por seu lado a Defesa Avançada leva-nos a admitir que o “terreno fundamental” é aquele que domina a OAZR, que se caracteriza pela atribuição da maior parte do potencial de combate, e em que todas as acções desenvolvidas procuram manter ou restabelecer a sua integridade.

A Defesa de Posição ao considerar o terreno fundamental como a linha onde ainda é possível cumprir a missão, admite que os comandantes utilizem as técnicas de defesa (Estática e Dinâmica) de uma forma doseada por forma a cumprirem os seus objectivos. A defesa avançada pressupõe o predomínio do elemento estático³⁰, uma vez que o terreno fundamental e todo o esforço da defesa é conduzido por forma a manter a posse dessa faixa de terreno. Nesta forma de defesa o elemento dinâmico que se vislumbra será a execução de contra - ataques no interior da posição (constituindo uma contingência, ou seja as unidades subordinadas não cumprirem a sua missão) e à frente da OAZR (são planeados como manobra).

Afigura-se-nos que o planeamento da Defesa de Posição não é tão restritivo³¹ como o da Defesa Avançada, pois confere aos comandantes uma maior liberdade de acção e iniciativa, ao admitir a cedência de algum terreno,

²⁹ Terreno fundamental entende-se como a área que há que preservar a todo o custo e que se na nossa posse permite, ainda, continuar a cumprir a missão.

³⁰ Finalidade, mobilidade, configuração e localização.

³¹ Porque a defesa avançada significa que o melhor local para fazer a defesa é ali e não mais à retaguarda (se assim fosse, tínhamos feito logo a defesa nessa linha mais atrás) - BARRENTO, Cor António M.;BOLETIM IAEM;Nº26-1991;Pág.666.

permitindo-lhes combinar elementos estáticos e dinâmicos, tendo em vista o cumprimento da missão.

A Defesa Avançada ao referir que o sucesso, depende em elevado grau, da capacidade das forças conservarem as suas posições e controlarem os intervalos entre elas, por forma a manterem a coesão do dispositivo, associado à definição do esforço defensivo posicionando as forças junto da OAZR e ao predomínio do elemento fogo, acarreta os riscos inerentes a uma defesa deste tipo - linha de defesa pouco profunda e que, se penetrada, pode levar à perda de coesão e correspondente exploração da brecha pelo adversário. Esta situação pode ser colmatada, quando se recebe o Plano de Contra - Ataque do escalão superior e que pressupõe a organização de posições de detenção (por parte da reserva) no interior do sector. No entanto, estas acções a desenvolver pela reserva, não farão parte do Plano de Defesa Avançada.

No que respeita à profundidade, ambas as formas de defesa consideram que esta é conferida pela localização da reserva, atribuição de posições suplementares e de alternativa. Contudo, a Defesa de Posição ao garantir maior liberdade de acção e iniciativa aos comandantes na organização da posição em profundidade (pela reserva), permite que o Plano de Defesa seja concebido, por forma a conseguir uma maior capacidade de amortecimento, que leve à perda do ímpeto do ataque adversário.

4.3 Defesa Avançada vs Defesa De Área

A primeira diferença significativa que se encontra é no patamar de quem define a forma de defesa; ou seja, enquanto na Defesa Avançada se encontra no nível táctico, na Defesa de Área encontramos-nos no patamar Operacional, uma vez

que ao nível tático se refere que esta forma de defesa pode ser conduzida de duas formas - Avançada ou em Profundidade.

Outras diferenças que podemos retirar da Defesa de Área, são que:

- Desde logo o plano deve prever o maior uso possível de manobras e tácticas ofensivas na Zona de Resistência, fazendo a apologia do Princípio da Iniciativa e tirando partido dos meios disponíveis³². Dependendo do escalão que se está a tratar e não na mesma faixa de terreno, a Defesa Avançada também prevê o uso de manobras ofensivas e de que são exemplo os Ataques Desorganizantes e os Contra-Ataques à frente da OAZR.
- O Comandante Operacional procura objectivar a operação em termos de tempo, o que leva os comandantes táticos a pressupor que durante esse período devem retirar o máximo rendimento dos meios disponíveis, sabendo à partida que o escalão superior está consciente das capacidades de resistência da força.
- Definição de uma linha de detenção, como limite máximo de terreno a ceder ao adversário. Ou seja, o “terreno fundamental” é definido ao nível Operacional, pondo em prática o Princípio da Flexibilidade; permitindo aos comandantes subordinados, de acordo com a situação e critérios táticos conjugar defesa avançada e/ou em profundidade.

³² O emprego de CC Abrams, de VCI Bradley, de helicópteros Apache e Comanche, do Crusader, de equipamentos de apoio ao movimento Grizzly e Volcano, garantirão um elevado grau de integração, permitindo o domínio do fogo e movimento. TRADOC: O Comando de Adestramento e Doutrina, Military Review; 1º Trim-1998; pág. 19.

O exército alemão já iniciou o desenvolvimento da “Nova Plataforma Blindada”, orientada para a concepção de uma viatura blindada idêntica para todas as que tomem parte no combate de armas combinadas. Conferência de Comandantes de Escolas de Blindados da NATO, BALUARTE - Setembro 1999; pág. 15.

Este conceito pressupõe que a missão e o sector a defender devem ser definidos em termos que permitam aos comandantes subordinados utilizar/tirar partido dos meios postos à sua disposição e retirar deles o máximo rendimento, reduzindo ao mínimo a designação de pontos ou áreas de terreno a manter pelas subunidades.

É o privilegiar da manobra na defensiva.³³

4.4 Defesa Avançada vs Defesa Avançada (RU/EUA)

Ao nível tático podemos constatar que, enquanto a doutrina nacional prevê que esta forma de defesa assente na OAZR, nas doutrinas analisadas e, que para o presente trabalho foram a dos EUA e RU, deduz-se a atribuição de uma área de defesa onde os comandantes em função dos elementos essenciais de combate (MITM-T), combinam elementos estáticos e dinâmicos, tendo como “farol” a linha de detenção definida no patamar operacional. Ou seja, enquanto nos conceitos britânico e americano o terreno que se pretende preservar encontra-se à retaguarda do sector defensivo, no conceito nacional coincide com a área a defender.

4.5 Defesa em Profundidade vs Defesa Móvel

Estas formas de defesa, partilham o mesmo objectivo: “*Destruição do Inimigo*”

As diferenças que se constataam são:

- Tal como já referido para a anterior forma de defesa o patamar de quem define a missão; ao nível operacional a Defesa Móvel, no patamar tático Defesa em Profundidade;

³³ Manobrar na Defesa - Combinar no espaço e no tempo a execução de acções estáticas e dinâmicas por forma a destruir o inimigo, impedi-lo de conquistar as regiões por ele pretendidas e/ou impedir a nossa própria destruição. CALÇADA, Ten Cor José C.F.A.;ELEMENTOS DE TÁCTICA; IAEM-1998; pág, 102.

- Na Defesa Móvel cabe ao comandante operacional definir uma linha limite de terreno a ceder.

Consideramos que a Defesa Móvel está baseada no conceito americano de “Digitalização do Campo de Batalha” em que a assunção de elevados riscos e a maximização da mobilidade (que os meios que dotam as suas unidades confere) constitui o cerne das acções a desenvolver e que se traduzem na extensão em profundidade e largura das áreas em que as unidades tem que operar.

4.6 Conclusões

“O defensor deve ... esgotar todas as possibilidades de defesa que o terreno lhe proporcione. Por isso deve tirar o máximo partido em toda a profundidade da sector, e dos acidentes que podem dificultar ou canalizar os movimentos do inimigo”³⁴.

Como sabemos a área de responsabilidade atribuída a um determinado escalão deve ser estudada na perspectiva do movimento do adversário no seu interior, como consequência de não ter sido detido e/ou destruído além da OAZR.

Face ao exposto, entendemos que estas considerações são explícitas na Defesa de Posição, ao prever a existência de terreno fundamental.

- A Defesa de Posição ao prever o terreno fundamental no interior da Zona de Resistência garante uma maior capacidade de resistência. Esta situação pode ser atenuada, na Defesa Avançada, ao permitir ao comandante do escalão superior, designar posições de combate a preparar pela reserva e definir responsabilidades quanto à sua ocupação. No entanto, considera-se esta situação, extremamente centralizadora e contingencial.

³⁴ RC 130-1, OPERAÇÕES;EME - Vol.1,1987; Pág.9-4.

- *“Na Defesa Avançada ... se, num determinado escalão o contra - ataque para restabelecer a integridade da OAZR não for realizável; procurar-se-à, no mínimo, deter o inimigo com as reservas e canalizá-lo para uma zona de terreno favorável ao contra - ataque do escalão superior”*³⁵. Como sabemos os contra - ataques para restabelecer a OAZR, são uma contingência, assim sendo e não estando criadas as condições para o realizar, é necessário recorrer a uma outra contingência para solucionar a situação.
- Por um lado, a Defesa de Área ao considerar a Zona de Resistência além do terreno fundamental, garante uma maior capacidade de resistência e amortecimento à defesa; por outro lado, confere uma maior liberdade de acção e iniciativa aos comandantes tácticos. Entendemos, pois, que esta forma de defesa se adequa melhor à fluidez e imprevisibilidade que caracterizam as operações e à maximização dos meios postos à disposição dos comandantes.
- No que respeita à comparação entre as defesas Móvel e em Profundidade, o elemento mais significativo a ressaltar é a definição ao nível Operacional do terreno a ceder e que tal como na forma de defesa anterior privilegia a descentralização e confere liberdade de acção e iniciativa aos comandantes tácticos.

5. GUERRA DE MANOBRA

5.1. Generalidades

*“A defesa absoluta é contraditória ao conceito de guerra pelo que uma defesa deve caracterizar-se por acções ofensivas sobre o atacante”*³⁶.

³⁵ RC 130-1, OPERAÇÕES;EME - Vol.1,1987; Pág.9-32.

³⁶ CLAUSEWITZ, Carl Von, ON WAR, Princeton University Press, Princeton, New Jersey, 1984; pág. 359.

A guerra de manobra não deve ser considerada como uma forma de combate totalmente nova, pois é possível afirmar-se que remonta à época em que pela primeira vez o Homem procurando surpreender o seu adversário, evitou o forte e atacou o fraco.

A vantagem duma acção desta natureza é que a parte vitoriosa apresenta menos baixas que a força oponente, apesar de que na maior parte das vezes, a parte derrotada é fisicamente superior.

Muitos são os exemplos a que poderíamos recorrer, mas citaremos Liddel Hart quando se refere à “estratégia” adoptada por Cipião durante a 2ª Guerra Púnica:

*“Ao invés de investir sobre Cartago, Cipião destruiu, sistematicamente, suas áreas de abastecimento e seus aliados ... complementando outras medidas indirectas de pressão essa acção foi decisiva para quebrar a vontade de lutar dos cartagineses, que após a derrota na Batalha de Zama pediram a paz.”*³⁷

Desde logo pode ser colocada a questão: Qual o motivo do sucesso destas acções?

O Coronel Boyd ao analisar uma série de batalhas constatou que um dos contendores tinha provocado uma mudança súbita e inesperada ou uma série de alterações para as quais o adversário não se conseguia ajustar em tempo oportuno.

5.2. Ciclo de Boyd ou “OODA LOOP”

Perante estas constatações elaborou uma teoria que pode ser assim resumida:

- O conflito pode ser definido como um ciclo que se desenvolve ao longo do tempo e compreende sequencialmente os seguintes passos:
- Cada beligerante Observa as suas possibilidades e as do adversário;

³⁷ HART, Liddel; As Grandes Guerras da História-IBRASA;S.Paulo-1982; pág. 36.

- Com base na observação, Orienta, ou seja, constrói uma imagem da situação;

- Posteriormente Decide;

- Finalmente põe em prática a sua decisão, isto é, Age;

e o processo (Observar/Orientar/Decidir/Agir) repete-se logo que a acção delineada alterou a situação.

A este ciclo chamou Ciclo de Boyd ou OODA LOOP.

Se um dos oponentes consegue completar o ciclo mais depressa que o seu adversário, garantiu a vantagem. À resposta do lado lento, o mais rápido contrapõe com uma acção diferente da que foi observada, pelo que a reacção fica desajustada, e assim sucessivamente, até que cada acção é menos profícua que a antecessora, levando ao desequilíbrio, à paralisia e perda de coesão. Então, o que fazer para conseguir completar o ciclo antes do adversário?

- Descentralizar;

- Ter a capacidade de actuar num ambiente fluido e incerto;

- Desencadear acções destinadas a provocar o caos e a desordem no adversário;

- Actuar de forma imprevisível.

Estes factores realçam a importância da Intenção do Comandante que deve ser encarada como um contrato. Será a sua visão a longo prazo, do que pretende que aconteça ao adversário, isto é, os resultados finais que pretende alcançar. O subordinado, ao ter que compreender a intenção dois escalões acima é contratado para que as suas acções sirvam a intenção do superior.

Para tal deve-se concretizar a forma de defesa de forma expressa, ou no mínimo, o objectivo a atingir com a mesma, reportando-se ao terreno ou ao adversário:

- No 1º caso, identificará não só o terreno a reter, mas também o tempo de conservação desejado;
- No 2º caso, qual o efeito a atingir e qual o escalão sobre qual se deseja tal efeito.

Em suma um comandante deve ser capaz de criar ameaças múltiplas, manter o adversário na incerteza, criar novas opções e mudar rapidamente de opções com o desenrolar da situação por forma a conduzir à acelerada desintegração física e mental da força opositora.

5.3. Guerra de Manobra

Perante estes factos, como caracterizar a guerra de manobra?

O Coronel Russo F. D. Sverdlov citado por Lind referiu que “*Manobra - é um movimento organizado de tropas (forças) durante uma operação para um novo eixo (linha) e região com o objectivo de conseguir uma posição vantajosa relativamente ao inimigo, para permitir batê-lo decisivamente*”.³⁸

Por sua vez o Coronel Boyd define o que significa a palavra “*Manobra*” na expressão “*guerra de manobra*” e que consiste “*em completar os ciclos de Boyd mais depressa que o inimigo até este perder a sua coesão - até o inimigo não combater mais como uma força organizada e eficiente*”.³⁹

Por último o Ten Cor Calçada refere: “*Manobrar, consiste pois, em combinar acções tácticas de carácter ofensivo, de carácter defensivo e/ou de reconhecimento e segurança num determinado quadro de espaço - tempo*”.⁴⁰

Das definições apresentadas podem extrair-se os seguintes dados:

- Manobrar significa mais que fogo e movimento;

³⁸ LIND, William S.; MANEUVER WARFARE HAND BOOK; Westview Press/Boulder and London-1985; pág. 4.

³⁹ Idem; pág. 6.

⁴⁰ CALÇADA, TC José C.F.A.; Elementos de Tática; IAEM-1998; pág. 101.

- Manobrar é explorar as fraquezas do adversário;
- Manobrar é procurar alcançar uma posição de vantagem relativamente ao adversário, da qual a força possa ser ameaçada ou aplicada;
- Manobrar envolve acções, tais como: velocidade contra tempo, largura contra profundidade e concentração contra dispersão.

A Guerra de Manobra significa, assim, prever e antecipar por forma a que o movimento seja mais rápido que o do adversário, para o destruir através de um ritmo superior.

Entendemos que este conceito é aquele que melhor cumpre o Princípio Da Manobra⁴¹

Que técnicas utilizar, por forma a sujeitar o inimigo a uma série de ameaças às quais ele não consiga responder correctamente ?

5.3.1 Antecipação

“David respondeu: Tu vens para mim de espada, lança e escudo; eu, porém, vou a ti em nome do Senhor dos exércitos, do Deus das legiões de Israel que tu insultastes. O Senhor entregar-te-à hoje nas minhas mãos e eu matar-te-ei , cortar-te-ei a cabeça e darei os cadáveres dos campos dos filisteus às aves do céu e aos animais da terra, para que todo o mundo saiba que há um Deus em Israel. E toda essa multidão de gente saberá que não é com a espada nem com a lança que o Senhor triunfa porque Ele é o árbitro da guerra e Ele vos entregará nas nossas mãos! Levantou-se o filisteu e marchou contra David.

David também correu para a linha inimiga ao encontro do filisteu”.⁴²

⁴¹ Princípio da Manobra - consiste em dispor uma força de forma tal que o inimigo fique colocado numa situação desvantajosa e assim conseguirem-se resultados que, de outra forma, exigiriam um maior dispêndio de homens e material. RC 130-1, OPERAÇÕES, EME, vol.1,1987; pág 3-3.

⁴² I Samuel 17:45 –48.

Antecipação significa apoderar - se ou conquistar para si próprio antes dos outros e que, adaptada a uma situação de conflito, poderá ser relacionada com - aproveitar uma oportunidade antes que o adversário o faça, de modo a negar - lhe a condução de uma acção vantajosa. O seu objectivo é, inicialmente, negativo - procura frustrar o plano do adversário ou a sua modalidade de acção; agir desta forma tem um valor positivo - a situação pode ser explorada subsequentemente.

Sun Tzu comenta da seguinte forma a antecipação no seu livro a Arte da Guerra: *“uma vitória conseguida antes da situação ter cristalizado não é compreendida pelo homem vulgar. Nela o seu autor não ganha a reputação de ser sagaz. Antes de ter manchado de sangue a sua espada, o inimigo já se submeteu”*.

Podemos pois, deduzir que esta acção baseia-se em tomadas de decisão rápidas e que visam surpreender o adversário, colocando ênfase na velocidade em detrimento da segurança. Esta acção de antecipação está intimamente ligada ao sentido de oportunidade (Timing) e procura garantir o sucesso através da Surpresa/Audácia/Iniciativa.

Anexo G - Exemplos Históricos - Antecipação

5.3.2 Deslocalização

“Meteu a mão no alforge, tomou uma pedra e arremessou - a com a funda, ferindo o filisteu na testa. A pedra penetrou-lhe na fonte e o gigante tombou com o rosto na terra”.⁴³

Ao contrário da antecipação, esta acção é um acto deliberado, não um movimento oportunista e está dependente da inteligência em vez da intuição.

O seu objectivo é bastante mais amplo do que frustrar o plano adversário, é tornar irrelevante o seu ponto forte. Ao invés de ter de combater ou fazer face a um adversário nas condições que lhe são mais favoráveis, as nossas forças devem evitar qualquer combate no qual o adversário possa tirar partido de todo o seu potencial.

Esta acção pode ser conseguida de duas formas:

- Fixando as suas forças para que não possam ser usadas efectivamente (Deslocalização Posicional);
- Evitando as suas forças (Deslocalização Funcional).

Anexo H - Exemplos Históricos - Deslocalização

5.3.3 Disrupção

*“Vendo morto o seu guerreiro mais valente, os filisteus fugiram. Os homens de Israel e de Judá levantaram-se então, soltando gritos de guerra, perseguiram os inimigos”.*⁴⁴

Esta acção consiste em atacar selectivamente o adversário, para o dividir e gerar a confusão/caos nas suas capacidades/meios que são importantes para o emprego e coerência do seu potencial de combate.

A definição das suas capacidades/meios mais importantes não é fácil e relaciona-se com a correcta identificação dos centros de gravidade, pontos decisivos e linhas de operações aos diversos níveis.

Como exemplo referem-se os sistemas de comando e controlo, sistemas de defesa anti-aérea, armas de destruição em massa, linhas de comunicações, etc.

⁴³ I Samuel 17:49.

⁴⁴ I Samuel 17:51-52.

Se atendermos a que, Potencial Tático é “*o valor resultante da combinação dos meios materiais e morais de uma determinada unidade militar*”⁴⁵ podemos concluir, que se actuarmos sobre a componente moral, a vontade de combater ou de continuar o combate, termina.

Se ao facto anterior associarmos que as forças armadas são constituídas por pessoas, é função da disrupção capitalizar as variáveis intangíveis da guerra - psicologia, moral, surpresa e medo, uma vez que o espírito de corpo é um produto volátil do combate e pode ter inexplicavelmente efeitos imprevisíveis.

Anexo I - Exemplos Históricos - Disrupção

5.4. Funções Centrais da Guerra de Manobra

Como elementos fundamentais para por em prática a guerra de manobra consideram-se as seguintes funções:

- Detectar consiste em localizar, identificar e garantir o acesso ao adversário.
- Fixar é criar condições, por forma a garantirmos a nossa liberdade de acção e consegue-se:
 - * Negando ao adversário os seus objectivos e colocando-o numa postura mental reactiva. O objectivo é desequilibrar o adversário e os principais meios para o fazer, são surpreendê-lo, enfraquecê-lo e atraí-lo.

⁴⁵ RC 130-1; OPERACÕES; EME-1987; pág. 3-4.

- * Distrair o adversário, reduzindo a sua capacidade de interferir nas nossas operações. Para concretizar esta acção há que negar informação ao adversário, retirar-lhe capacidade de transmitir ordens e inibi-lo da sua execução.

- Atacar é usar essa liberdade de acção para:

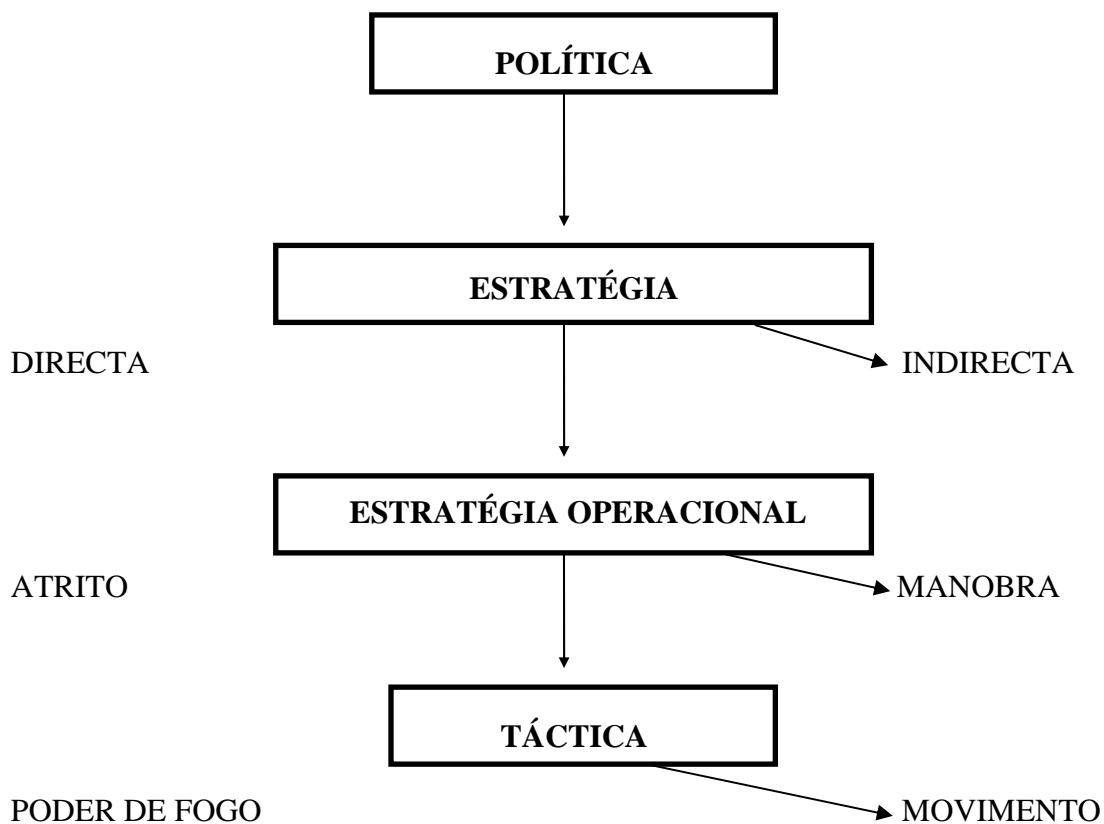
- * Manobrar, alcançando uma posição de vantagem em relação ao adversário, da qual a força pode ser ameaçada ou aplicada.
- * Actuar inesperadamente com uma força superior, no ponto seleccionado para o derrotar.

O Plano de campanha para a operação “*Desert Storm*” 1991 executou estas acções de forma simultânea e sequencialmente.

- Inicialmente executaram-se operações de decepção para focar a atenção do adversário na defesa e levar à organização incorrecta do dispositivo. Para isso, as forças da Coligação atacaram os iraquianos, usando o poder aéreo para decapitar a sua capacidade de liderança, comando e controlo, e eliminar a possibilidade de reforço às forças no Kuwait e Sul do Iraque.
- Posteriormente garantiu-se a supremacia aérea sobre o Kuwait para permitir o ataque sequencial e selectivo às forças terrestres iraquianas com os meios aéreos, de modo a reduzir o seu potencial de combate e destruir as unidades de reforço.
- Finalmente fixaram-se as forças iraquianas e, ao invés de dissimulações e ataques a objectivos limitados, penetrar na profundidade e explorar as linhas de comunicações, garantindo uma posição que permitisse controlar, indirectamente, os reforços no Iraque e eliminar as forças no Kuwait.

Uma comparação possível, da forma mais comum de fazer a guerra para a guerra de manobra, no que respeita aos diferentes níveis da guerra e tirando

proveito das capacidades dos meios postos à disposição dos exércitos, poderá ser:



Recorrendo a um quadro comparativo teremos:

| GUERRA DE ATRITO | GUERRA DE MANOBRA |
|--|--|
| <ul style="list-style-type: none"> ■ O que enforma este conceito é a massa ■ Objectivo - destruição do adversário ■ Gestão científica na forma de: <ul style="list-style-type: none"> • Planeamento detalhado • Recursos • Controlo centralizado da aplicação da força | <ul style="list-style-type: none"> ■ A ênfase é colocada nos factores humanos não mensuráveis: <ul style="list-style-type: none"> • Liderança • Organização • Coesão • Moral ■ O seu objectivo é o desequilíbrio da força ■ Perspectiva o combate, procurando evitar o forte da força adversa |

Como conclusões salienta-se que:

O Gen Martins Barrento refere por um lado que *“Uma situação defensiva, escolhida ou imposta, é geralmente uma situação de inferioridade do defensor, no que se refere aos potenciais de combate postos em presença”*⁴⁶ pelo que podemos depreender que uma pequena força tem grandes dificuldades para vencer pelo atrito, mas pode vencer pela manobra. Por outro lado, que *“Não se pode objectivar a missão no tempo, porque isso implicaria adivinhar o ritmo do adversário, nem no espaço, porque a defesa avançada significa que o melhor local para fazer a defesa é ali e não mais à retaguarda”*⁴⁷ na tentativa de obviar estes problemas é necessário:

- Para explorar a dimensão tempo agilidade, flexibilidade e antecipação, juntas com tomadas de decisão descentralizadas.
- Para explorar o conceito de espaço há que optar por ordens tipo - missão e que são a chave para a descentralização. Uma ordem tipo - missão informa o subordinado de O QUE o superior quer cumprir, deixando ao subordinado grande liberdade para que seja ele a estabelecer o COMO cumprir.

Esta forma de combate ao privilegiar a descentralização e o retirar o máximo rendimento dos meios postos à disposição dos comandantes, permite fazer face aos elevados riscos que a recente tipologia de acções exige e às dimensões do campo de batalha resultantes das possibilidades dos meios e das actuais organizações.

⁴⁶ BARRENTO, Ten Cor António M.; REVISTA MILITAR; N°7/8-1981; pág. 666.

⁴⁷ BARRENTO, Cor António M.; Boletim DO IAEM; N°26 - 1991; pág. 11.

6. CONCLUSÕES

Numa visão de futuro, a perspectiva americana considera que, face às projecções demográficas, os conflitos tenderão a ser travados contra forças numericamente superiores que, provavelmente explorarão a massa e a guerra de atrito e que para lhes fazer face será necessário recorrer à sagacidade, à economia e à superioridade tecnológica.

Tendo como pano de fundo este conceito, vamos realçar os factos mais relevantes que decorreram deste trabalho.

- Tal como a história nos revela, a tecnologia constitui um elemento multiplicador do potencial, o que levou a que a organização e estrutura dos exércitos optasse por modelos que melhor cumprissem os objectivos propostos, procurando através da profundidade do campo de batalha e das formas de defesa adoptadas contrariar/minimizar esses efeitos.
- Decorrente deste facto e, porque o ambiente envolvente é de mudança constante, os exércitos devem ser versáteis, preparados para actuar num largo espectro de operações, possuindo mecanismos capazes de responder prontamente a possíveis ameaças. Para tal devem dotar-se de meios que garantam o domínio do fogo e do movimento.
- Nos dias de hoje, cada vez mais a quantidade e letalidade dos modernos sistemas de armas, conjugados com os sofisticados sistemas de aquisição e comunicação, permitem que operações em profundidade contribuam directamente para derrotar o adversário. As acções em profundidade, ao provocarem ameaças múltiplas, degradam a liberdade de acção do adversário, reduzem a sua flexibilidade e resistência, obrigando-o à alteração constante dos

seus planos e à redução da sua capacidade de coordenação. Em suma, levam à entropia do sistema adversário, permitindo batê-lo isoladamente.

- Face às limitações tecnológicas que caracterizam o Sistema de Forças Nacional, entendemos que a participação Nacional nos sistemas colectivos de Segurança e Defesa, de que fazemos parte, deve ser encarada como forma de ampliar as capacidades de defesa nacionais.
- Se considerarmos que os comandantes organizam o campo de batalha, mais com base nos propósitos do que nas localizações geográficas dentro da área de operações (ou seja as suas acções são delineadas com a intenção de desequilibrar o sistema adversário, constituindo o TERRENO uma “*ferramenta*” para conseguir tais desígnios), a definição de “*terreno fundamental*” contribui directamente para a consecução de tais propósitos.
- O nível operacional ao constituir o patamar em que os interesses nacionais são trabalhados numa óptica puramente militar, ou seja é o local em que os objectivos estratégicos serão concretizados pela acção militar, pelo que definir “*Terreno fundamental*” a este nível confere por um lado, liberdade de acção e iniciativa aos comandantes tácticos e, por outro lado, permite potenciar elementos estáticos e dinâmicos, garantindo capacidade de amortecimento e resistência à defesa, levando à erosão do ataque adversário.
- A Guerra de Manobra ao incorporar na sua essência conceitos como os de:
 - Abordagem indirecta;
 - Liberdade de acção e iniciativa, desde os mais baixos escalões;
 - Manobra em detrimento do atrito;
 - Minimização de danos colaterais;

constitui-se como uma forma de combate capaz de fazer face à imprevisibilidade e fluidez que caracterizam a batalha, assim como permite, ao criar ameaças múltiplas, tirar partido de toda a evolução tecnológica e maximizar o conceito de profundidade.

7. PROPOSTA

A publicação que estabelece os princípios doutrinários, actualmente aprovados no Exército Português é o RC 130 - 1 OPERAÇÕES. Este regulamento deve ser aquele que enforma todas as publicações em uso ou a desenvolver para os diferentes subsistemas⁴⁸, presentes no campo de batalha.

No sentido de uniformizar conceitos e procedimentos, entendemos que o RC 130-1 OPERAÇÕES deve ser revisto nos seguintes pontos:

- Conceito de Profundidade, porque consideramos que diz respeito a qualquer operação, como tal tirar o máximo partido deste facto, constitui um factor multiplicador do potencial.

Assim sendo, a Profundidade passaria a constituir um princípio da guerra e teria como finalidade a seguinte:

“Ruptura da sinergia entre os elementos componentes do sistema adversário, em tempo, espaço, recursos e objectivos”.

- Defesa Avançada, porque a definição de *“Terreno Fundamental”* constitui um precioso contributo para os escalões subordinados, garantindo-lhes maior liberdade de acção e iniciativa.

Assim sendo, propomos que o *“Terreno Fundamental”* seja definido no patamar operacional, no entanto e face às características geográficas do Território Nacional e às limitações do Sistema de Forças Nacional, que esta definição se

verifique no mínimo ao escalão Corpo de Exército e que toda a organização da defesa se faça além do Terreno Fundamental, criando assim uma maior capacidade de amortecimento e resistência da posição defensiva.

- Num projecto mais ambicioso e tendo em conta o emprego de forças conjuntas e combinadas que, o RC 130-1 OPERAÇÕES constitua a materialização do patamar operacional da doutrina nacional, e todas as publicações decorrentes desta se situem no nível tático.

⁴⁸ RC 18-100, Regulamento de AA, EME, 1997, baseia-se no conceito americano “*Batalha Ar - Terra*” e os princípios que refere respeitam a qualquer operação, encontrando-se no nível operacional e reportam-se ao FM 100-5.

ANEXO A - Definições com Interesse para o Trabalho

1. **FIXAR** - Negar ao inimigo os seus objectivos e colocá-lo numa postura mental reactiva (retirar-lhe a iniciativa). Os meios para conseguir são: surpreender, enfraquecer e atrair. As operações que precederam a invasão da Normandia, fixaram as reservas móveis do Eixo através de uma combinação de rotas interditas, ataques aéreos directos e ameaças de decepção ao Pas de Calais.
2. **MANOBRAR** - É, por um lado, garantir que se consegue diminuir o nível de atrito que o adversário nos pode impor e, por outro lado, criar a oportunidade para a concentração de forças e recursos no ponto desejado.
3. **ATRITO** - É a força que resiste a toda a acção e que faz com que as dificuldades simples, pareçam intransponíveis. O atrito pode ser mental - indecisão acerca do que fazer a seguir; físico - provocados pelos efeitos do intenso fogo do adversário; pode ser induzido pelo próprio - por um plano fraco ou um choque de personalidades; pode ser imposto externamente - por acções do adversário, pelo terreno ou pelo clima.⁴⁹
4. **RESISTIR** - impedir o acesso a um terreno por um determinado tempo.⁵⁰
5. **DERROTAR** - desorganizar ou anular o plano do adversário e reduzir a sua capacidade de combater ou impedir que prossiga com a linha de acção adoptada.⁵¹
6. **DESTRUIR** - tornar fisicamente ineficaz a capacidade de combate da força adversária, a menos que se reconstitua, ou causar-lhe danos tais, que a impeça de actuar ou voltar a ser empregue, sem ser inteiramente reconstituída.⁵²
7. **CENTRO DE GRAVIDADE** - é definido como englobando o conjunto de características, capacidades ou locais de onde deriva a liberdade de acção, a força física ou a vontade de combater de uma força militar, amiga ou adversária. O centro de gravidade existe nos níveis estratégico, operacional e tático da guerra. Pode existir mais do que um centro de gravidade. Os centros de gravidade tem que ser identificados para as NF e para as do adversário.⁵³
8. **PONTO DECISIVO** - Um ponto decisivo é um ponto, no tempo e no espaço, a partir do qual o(s) centro(s) de gravidade, das NF ou do adversário, podem ser ameaçados. Os pontos decisivos são frequentemente de natureza geográfica, como

⁴⁹ Army Doctrine; OPERATIONS-Volume 1-Jan94

⁵⁰ Definições que emanam da regulamentação dos EUA

⁵¹ Idem

⁵² Idem

por exemplo, uma elevação, um aglomerado populacional, uma base de operações, um posto de comando, etc. Os pontos decisivos são “*as chaves*” que permitem atingir o Centro de Gravidade podendo, se necessário, ser directamente atacados. O Cmdt designa os pontos decisivos a atingir e atribui recursos para os proteger, controlar, destruir ou neutralizar.⁵⁴

9. RITMO - O ritmo é a velocidade com que as actividades das NF se desencadeiam relativamente ao adversário, nomeadamente, entre Operações de Grane Envergadura e no âmbito de Batalhas e Combates. Este conceito engloba a capacidade de uma Força Conjunta Aliada (AJF) para transitar de uma postura operacional para outra diferente.⁵⁵

10. OPERAÇÃO - acção duma força conjunta numa área geográfica determinada - teatro de operações - visando a consecução dum objectivo marcado ao nível da estratégia geral militar operacional. Uma operação incluirá um conjunto de manobras operacionais e batalhas.⁵⁶

11. MANOBRA OPERACIONAL - parte duma operação que consiste no conjunto de disposições e movimentos planeados e conduzidos com vista a preparar a batalha ou a explorar os seus resultados. O seu objectivo é marcado ao nível da estratégia operacional de teatro.⁵⁷

12. BATALHA - acto de força, incluído numa operação, que visa a “*deslocação*” e se possível a destruição duma parte determinada das forças adversas. Uma batalha incluirá uma série de combates. O seu objectivo será marcado ao nível da estratégia operacional de teatro.⁵⁸

13. COMBATE - acto violento onde se procura a destruição dos elementos adversos. Os combates constituirão os actos elementares da batalha. Os seus objectivos serão marcados ao nível tático.⁵⁹

14. MOMENTUM - O pensamento militar russo entende a velocidade/rapidez em termos de profundidade, tempo e massa, gerando estes elementos o conceito de momentum. Este conceito compreende o elemento profundidade; a resistência do sistema adversário, que representa o elemento atrito; o elemento massa, que através

⁵³ Elementos fornecidos pelo IAEM - AJP -1(A)

⁵⁴ Idem

⁵⁵ Idem

⁵⁶ CALÇADA, TenCor José C.F.A.; ELEMENTOS DE TÀCTICA; IAEM-98

⁵⁷ Idem

⁵⁸ Idem

⁵⁹ Idem

da estrutura de escalões garantia a sucessão dos ataques; e o elemento da mobilidade operacional. Desta forma a teoria russa integrava harmoniosamente, quer o elemento mecânico (ataque), quer o elemento cognitivo (surpresa e decepção) e um elemento que combina os dois (momentum) tendo como objectivo o centro de gravidade adversário.

ANEXO B - Doutrina da Defesa Elástica em Profundidade⁶⁰

Durante os 2 primeiros anos da I G.M., a prática doutrinal (alemã e aliada) era defender cada metro da frente, concentrando infantaria em trincheiras avançadas.

Esta forma de defesa, em que se privilegiava o atrito, apesar de prevenir qualquer incursão em território oposto, resultava em grandes perdas de ambos os lados, devido aos intensos fogos de preparação.

Perante estes factos os alemães optaram pela seguinte solução:

- construir a principal linha defensiva, a coberto da observação inimiga e protegida por uma linha de segurança avançada, que seria os olhos da defesa.

Concretizando melhor; os alemães constituíram 3 zonas de defensivas - zona avançada, zona de combate/resistência e zona de retaguarda.

Cada zona consiste numa série de trincheiras interligadas, tendo em atenção o terreno, forças disponíveis e intenção do inimigo, em contraponto com a defesa rígida e linear que tinha um esquema preciso e delineado para construir as trincheiras.

Zona Avançada

- Mínimo de forças, com capacidade suficiente para interceptar patrulhas e garantir observação continua sobre as posições aliadas.
- Tinham, ainda, por missão retardar, dentro das suas possibilidades, os ataques de infantaria aliados.

Zona de Combate/Resistência

- Esta zona, protegida da observação inimiga, tinha uma profundidade que medeia entre os 1500 m e os 3000 m. Constituía a principal linha de resistência.

⁶⁰ Documento de trabalho fornecido na disciplina de História Militar com o título de “The Origins of German Defensive Doctrine”.

- Para além das trincheiras normais e com as características das anteriormente referidas, constituíam pontos - fortes.
- Os ataques aliados viam-se envolvidos numa série de combates e perdiam ímpeto, o que permitia aos alemães executar contra - ataques locais.
- Caso a situação o exigisse, reservas tácticas lançariam novos contra - ataques, por forma a impedir que as tropas aliadas se reorganizassem. Caso estas tivessem capacidade para resistir ao contra - ataque, os alemães teriam de desencadear um contra - ataque deliberado e coordenado para expulsar o inimigo desta zona.

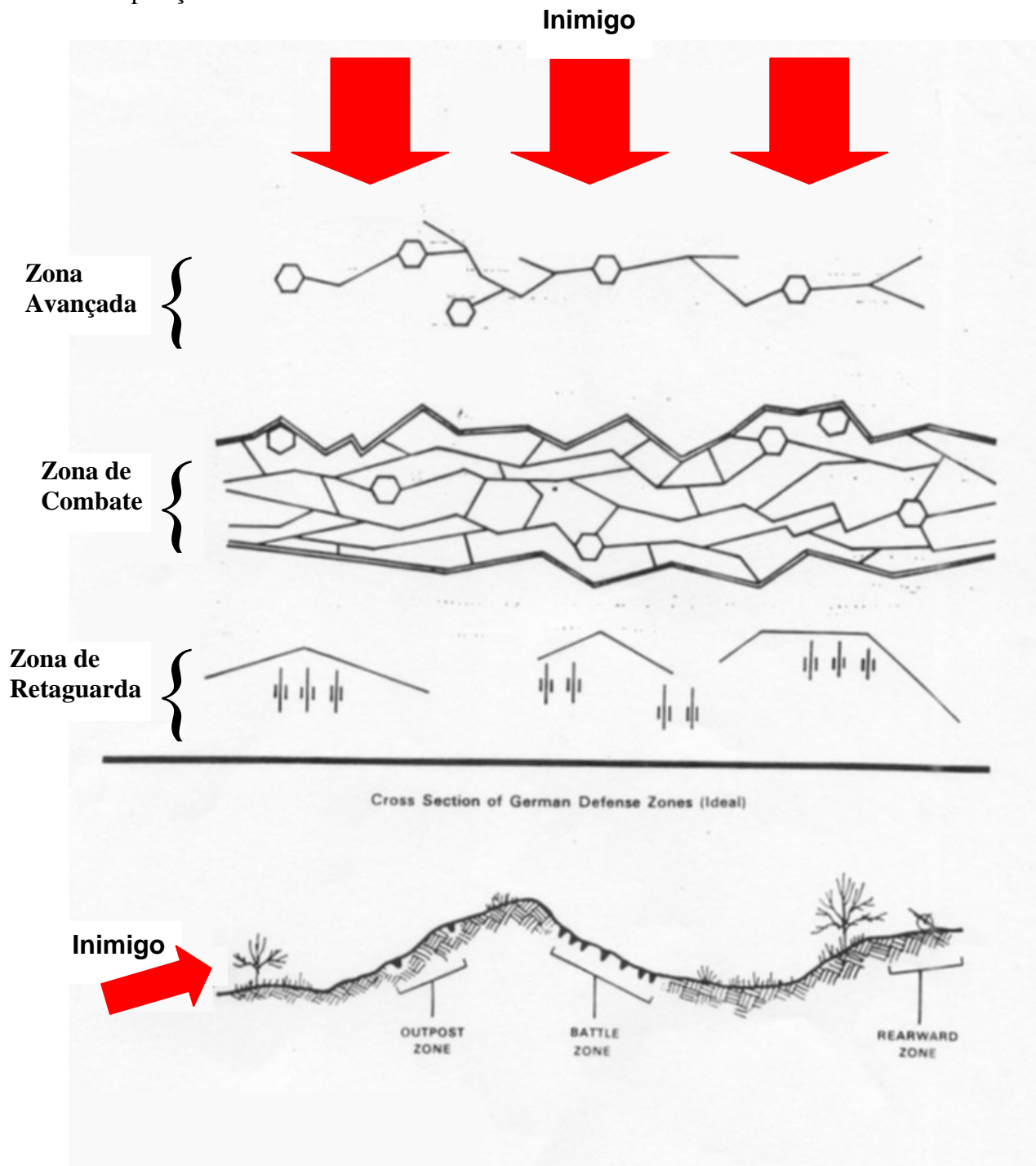
Zona de Retaguarda

- Situada para além do alcance da artilharia aliada.
- Esta zona continha a maioria da artilharia alemã
- Possuía posições protegidas, nas quais as unidades avançadas, podiam rodar para descansar.
- Adicionalmente, as divisões alemãs, destinadas ao contra - ataque, posicionavam-se nesta área, se fosse iminente uma ofensiva aliada.

Ensinaamentos que se podem retirar da Defesa Elástica em Profundidade Alemã

- Os ataques caracterizam-se por contingências, fadiga e confusão, o que provoca a erosão da força ofensiva; os alemães ao conferirem profundidade à posição, juntamente com o poder de fogo, criaram condições para amortecer e absorver a ofensiva aliada.
- O poder do fogo foi utilizado não como um apoio, mas como “*armas combinadas*”; ou seja, não foi empregue mais poder de fogo, mas o seu emprego foi mais eficaz - principio da complementaridade e da massa.

- Numa guerra que primava por ser estática, durante os ataques aliados, as pequenas unidades alemãs puseram em prática uma defesa móvel, apoiando-se em manobras por forma a garantir as posições.
- Descentralização/Flexibilidade - contra - ataques agressivos em todos os níveis tiravam a iniciativa táctica aos aliados, permitindo aos alemães retomar as suas posições iniciais.



ANEXO C - QUADRO RESUMO

| Período | Meios | Operações De Defesa/Profundidade |
|--|---|---|
| 3000 A.C. a 500 A.C. Choque | -Lança - espada -Acha - cimitarra -Arco/Cavalo -Pique - gládio | - <u>Oriente</u> : Ordem aberta, dispersa segundo a frente e/ou a profundidade, praticando a <u>ordem oblíqua</u> . - <u>Ocidente</u> : Falange, disposta segundo a frente e a profundidade em <u>ordem cerrada</u> . |
| 500 A.C. a 1500 D.C. Choque | -Arco -Besta -Incremento da cavalaria em detrimento da infantaria -Início da utilização do fogo | -Com os Romanos a ordem passa a ser <u>aberta e elástica</u> . -No séc.III a decadência do espírito militar faz regressar a forma falângica - <u>ordem cerrada</u> - passa-se da falange de infantes para a falange de cavalos. -A utilização de <u>reservas</u> vem trazer <u>maior profundidade</u> ao campo de batalha. |
| 1500 D.C. a 1800 D.C. Binómio-Fogo/Choque | -Aumento do poder de fogo - Espingarda | -Este aumento do poder de fogo diminui o número de fileiras, cria maiores intervalos, maior mobilidade e menores formações - <u>ordem aberta e estreita ou linear</u> . |
| 1800 D.C. à I G.M. | -Potência de fogo acrescida, associada à precisão e alcance. | -A construção de entrincheiramentos torna-se uma consideração primária na defesa. - As frentes dos exércitos aumentam (de 3,5Km a 5Km, passam para 35Km a 50Km) e perdem profundidade. - <u>Pequenas unidades</u> - dispositivos tendem para a fluidez, pois a dispersão evita os efeitos dos fogos adversos. - <u>Grandes Unidades</u> - dispositivo tende para a ordem linear e cerrada. |
| I G.M. | -Espingarda de repetição -Metralhadora -Pólvora sem fumo -Gases -Caminho de ferro -Uso limitado do avião -Surge o CC -Artilharia é utilizada para fazer fogos de massa | -A Divisão ocupa uma frente de 4Km. -Fortificações de campanha em profundidade ao longo de toda a frente. -Inicialmente <u>Defesa Estática e Linear</u> . Como forma de diminuir o número de baixas causadas pelos fogos de massa da artilharia adoptou-se progressivamente uma <u>Defesa Elástica em profundidade</u> . -No final da Grande Guerra e com o surgimento do CC - <u>defesa de área</u> . |

| | | |
|--|--|--|
| II G.M. Mobilidade aliada ao Poder de Fogo. | -Espingarda Semiautomática -Artilharia autopropulsada -CC -Armas anticarro -Aviação como arma de apoio | -A Divisão ocupa uma frente de 7Km. -Artilharia e fogos anticarro escalonados em profundidade. -A posição compreende uma zona de resistência, constituindo um certo número de áreas de defesa que se apoiam mutuamente, dispostas em largura e na profundidade - organizadas para a defesa em todas as direcções. <u>-Ordem descontínua, profunda e elástica.</u> |
| Pós II G.M. até aos Nossos dias. | -Nuclear -Mecanização -Mísseis -Computadores -Operações conjuntas e combinadas. | -As frentes e profundidades das Divisões aumentam para valores até agora inimagináveis. -O factor nuclear faz privilegiar a dispersão e a forma de defesa adoptada é a <u>defesa móvel</u> . -O Pacto de Varsóvia leva a OTAN (EUA) a equacionar uma nova doutrina prontamente rejeitada por razões políticas que foi a da <u>defesa activa</u> . -Nos nossos dias e ao <u>nível operacional</u> surgem-nos os conceitos de defesa móvel e de defesa de área , no <u>nível táctico</u> as formas de defesa são a avançada e em profundidade . |

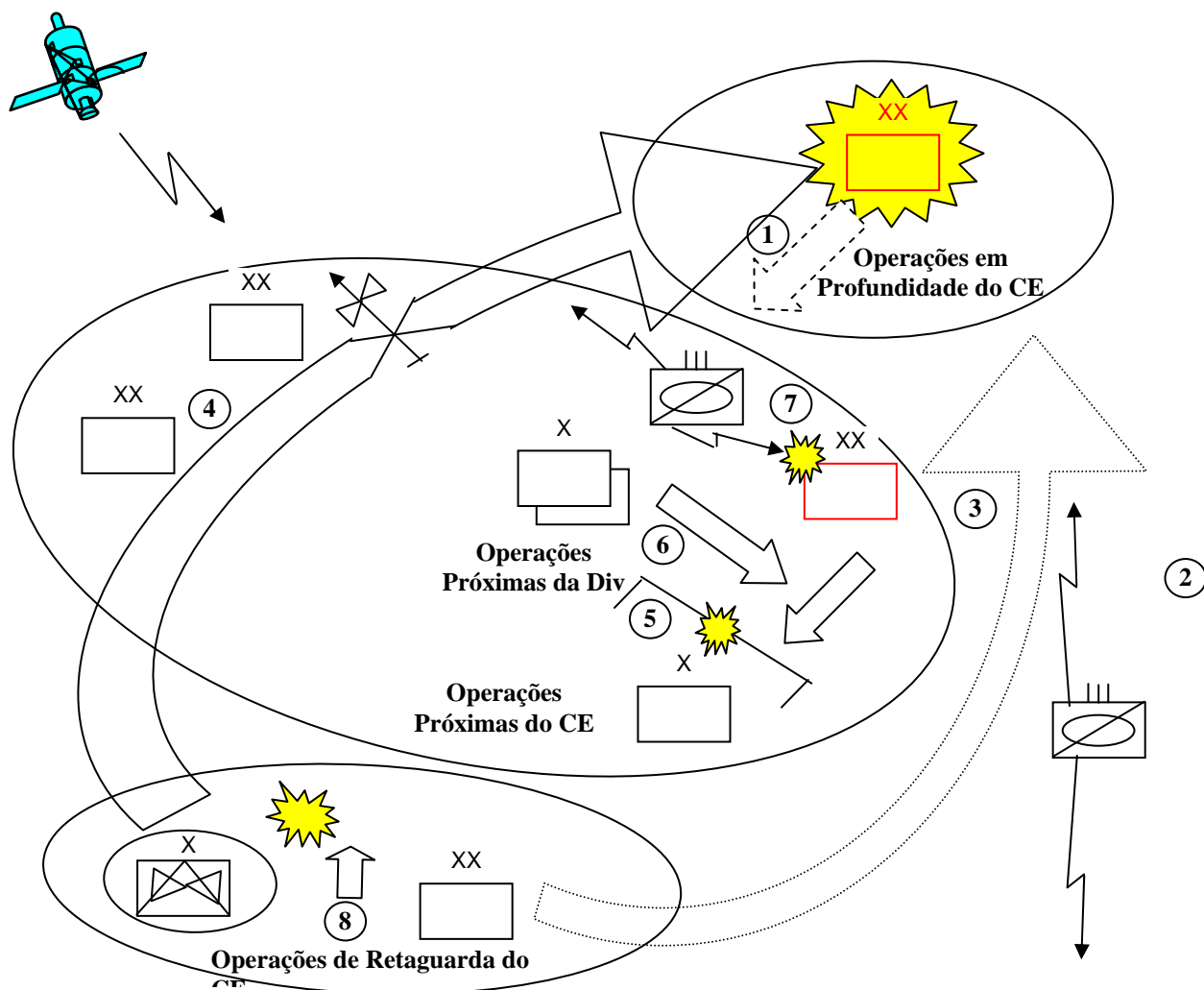
ANEXO D - Exemplo Histórico - Operação Cobra

O plano inicial (OPLAN,90-4), previa um amplo envolvimento por Oeste com o Objectivo de conquistar As Samawad (uma cidade no vale do rio Eufrates com uma população de cerca de 10.000 habitantes, ao lado da Estrada 8 que liga Bagdá a Basra). A intenção era bloquear o movimento inimigo ao longo daquela importante estrada (a conquista de As Samawad concorreria para tal). No entanto e como um dos pressupostos que enformam as operações é o de *“mínimo de danos colaterais/baixas zero”* o plano não foi objecto de aprovação uma vez que a força iria actuar numa área urbana protegida, enfrentar artilharia anti - aérea e travar combates casa - a - casa. Tendo em vista interditar a Estrada 8 o plano concebido foi o OPLAN 90-5. Este plano consistia em *“atingir o inimigo onde ele não se encontrava”*. Com o desembarque inicial, estabelecer instalações logísticas seguras e logo iniciar a interdição da Estrada 8 com meios de aviação e forças - tarefa de armas combinadas. Esta operação interditou as linhas de comunicações iraquianas, impediu a possibilidade de reforços e a retirada das forças iraquianas.

Muitos peritos militares, entre eles o Gen Schwarkopf, consideram a operação Cobra e o seu calculado aproveitamento do êxito realizado pelo restante da 101ª Div Aéromovel como sendo o factor principal para a vitória na guerra de 100 horas no Iraque.

Podemos afirmar que esta operação se insere numa verdadeira acção de deslocalização e que os resultados obtidos são os de uma acção de disrupção.

ANEXO E - Esquema Anotado



Operações em Profundidade do CE

1º - Acção desenvolvida sobre o 2º escalão do escalão equivalente ao CE (Divisão em 2º Escalão) - com a intenção de fixar/isolar esta força(constitui o esforço principal do Comandante do CE). No entanto para a Brigada de aviação, esta acção constitui uma operação próxima.

2º - O CE ao atribuir a protecção do flanco direito, descoberto, ao Rec. Contribui para a condução do combate em profundidade do CE.

3º - A missão do RRec não é só proteger o flanco, mas também cobrir e apoiar um contra - ataque ou ataque desorganizante a executar à frente da faixa defensiva por uma unidade designada pelo CE, contra o 2º escalão correspondente ao seu, e que em 1 foi fixado.

4º - A situação no flanco esquerdo é estável, ou seja as unidades aí colocadas continuam a cumprir a sua missão.

5º/6º - Constituem as operações próximas da Divisão em que o objectivo é fixar com uma brigada e efectuar um contra - ataque com as duas restantes.

7º - A acção desenvolvida pelo GRec, faz parte das operações em profundidade da Divisão.

8º - As operações de retaguarda do CE incluem uma operação próxima (fazer face a uma acção profunda da força adversa) protegendo as unidades de apoio, as linhas de comunicações do CE e garantir a liberdade de acção às forças que conduzem operações próximas.

ANEXO F - Finalidade e Formas de Defesa**Regulamento de Campanha Operações - 1971****Finalidade Da Defensiva**

- Criar condições mais favoráveis para passar à acção ofensiva;
- Economizar forças em certas áreas, a fim de se poder aplicar um potencial de combate decisivo noutras áreas;
- Induzir em erro ou destruir forças inimigas;
- Reduzir a capacidade ofensiva do inimigo, com um mínimo de perdas para as nossas tropas;
- Impedir a entrada do inimigo numa determinada zona.

Formas de Defesa

| DEFESA MÓVEL | DEFESA DE POSIÇÃO |
|---|---|
| Destruição do Inimigo | Manter a posse ou controlo de áreas específicas de terreno |
| Mobilidade igual ou superior à do inimigo. | |
| O Defensor prepara-se para travar o combate decisivo e cumprir a sua missão primariamente através de execução de acções ofensivas contra as forças atacantes. | O Defensor prepara-se para travar o combate decisivo e para cumprir a sua missão primariamente batendo o inimigo à frente da OAZR |
| Finalidade do contra-ataque é a destruição da força adversária. | Os contra-ataques destinam-se, fundamentalmente, a expulsar ou destruir as forças inimigas que tenham penetrado na posição e ameacem <u>terreno importante</u> para a defesa, por forma a restabelecer a integridade daquela. |
| A reserva tem prioridade na repartição do potencial de combate. | As forças da Z Resist têm prioridade na repartição do potencial de combate |

Escolha da Forma de Defesa

| DEFESA MÓVEL | DEFESA DE POSIÇÃO |
|--|---|
| Missão e AOP permitem que a defesa seja organizada e conduzida em profundidade. | A missão impõe restrições a uma manobra em profundidade. |
| O terreno facilita a manobra das forças da defesa e não possui valor defensivo natural na frente. | O terreno restringe o movimento das forças no interior da posição e/ou apresenta boas características defensivas junto da OAZR. |
| Dispõe de mobilidade táctica igual ou superior à do inimigo. | O inimigo dispõe de mobilidade táctica superior. |
| Dispõe de superioridade aérea local. | O inimigo dispõe de superioridade aérea suficiente para limitar ou impedir o movimento das reservas ou de outras forças. |
| O tempo disponível não permite uma organização do terreno suficientemente desenvolvida | O tempo disponível permite uma boa organização da posição. |
| A frente atribuída não permite, pela sua extensão, estabelecer uma defesa eficaz ao longo da OAZR. | O sector atribuído é relativamente estreito. |
| A missão é a de destruir o inimigo. | |

RC 130 - 1 - Operações**Finalidade das Operações Defensivas**

- Destruir forças inimigas e provocar o insucesso do seu ataque;
- Criar condições mais favoráveis para passar à ofensiva;
- Economizar forças em certas áreas para as poder concentrar noutras;
- Manter a posse de objectivos tácticos ou estratégicos;
- Induzir o inimigo em erro forçando-o a concentrar forças em áreas que o tornem mais vulnerável.

Formas De Defesa

| DEFESA AVANÇADA | DEFESA EM PROFUNDIDADE |
|--|---|
| Combate decisivo desenrola-se à frente da OAZR, com o apoio de um grande volume e variedade de fogos. | O combate decisivo desenrola-se no interior da posição. |
| Atribuição da maior parte do potencial de combate e definição do esforço defensivo posicionando forças junto da OAZR | As forças colocadas na Z Resist junto à OAZR, têm a finalidade de identificarem, definirem e controlarem a profundidade do esforço principal do inimigo e deter os ataques secundários. As forças dispostas em profundidade, após a identificação dos flancos inimigos, realizam contra-ataques para isolar e destruir as forças inimigas, nomeadamente, no interior da Z Resist. |
| O sucesso da defesa, depende em elevado grau, da capacidade das forças em conservarem as suas posições e controlarem os intervalos entre elas, por forma a manterem a coesão do dispositivo. | A destruição do inimigo é alcançada através da combinação do fogo e do movimento, utilizando o sector em toda a sua profundidade. |
| Os contra-ataques destinam-se a destruir o inimigo além da OAZR ou a expulsar ou destruir as forças inimigas que tenham penetrado na posição e ameacem terreno importante para a defesa, por forma a restabelecer a integridade daquela. | As unidades de carros e mecanizados, em reserva ou não, asseguram a execução dos contra-ataques os quais visam, essencialmente, a destruição das forças inimigas |
| A reserva destina-se prioritariamente, a reforçar as forças da frente, conferir profundidade ao dispositivo pela ocupação de posições de detenção e contra atacar. | |

Escolha da Forma De Defesa

| DEFESA AVANÇADA | DEFESA EM PROFUNDIDADE |
|---|--|
| A melhor posição defensiva é ao longo da OAZR | A missão, por ser menos restritiva, permite o combate em profundidade. |
| A OAZR apoia-se num bom obstáculo natural | O terreno não favorece a defesa à frente e, no interior do sector, existe terreno com valor defensivo. |
| O sector defensivo é pouco profundo. | O sector tem grande profundidade. |
| O valor defensivo do terreno, no interior do sector, é limitado. | |
| A posse do terreno, na área avançada, estiver expressamente definida no conceito do escalão superior. | |
| | Podem ser utilizadas armas nucleares. |

Doutrina Inglesa⁶¹**Finalidade Da Defensiva**

- Desenvolver a iniciativa para futuras operações ofensivas, enquanto se limitam as do inimigo;
- Destruir ou ameaçar de modo a promover as condições certas para a acção ofensiva;
- Forçar o inimigo a acções que encurtem as suas opções, reduzam o seu poder de combate e o exponham a um contra-ataque decisivo.

Formas de Defesa

| DEFESA MÓVEL | DEFESA DE ÁREA |
|---|---|
| Destruição do inimigo | Negar terreno ao inimigo |
| Reserva Forte - sob controlo do Cmdt da força | Reservas controladas por baixos escalões de cmd |
| Maior Grau de risco | |
| Proteger/cobrir extensas fronteiras | É limitada no tempo |
| Inimigo com maior potencial de combate e menor mobilidade | Utiliza uma combinação de posições defensivas com pequenas reservas móveis |
| Defesa de Grande Área de Operações e situação Inimiga pouco esclarecida | Defesa de Área apresenta duas variantes, avançada e Profundidade |
| Requer grande profundidade | Os contra-ataques são dirigidos sobre as Unidades inimigas que tenham penetrado entre posições defensivas |
| Manobra sobrepõem-se ao fogo | Fogo sobrepõem-se à Manobra |

Defesa De Área

Tal como já referido no quadro comparativo entre a Defesa Móvel e de Área, esta última preconiza poder ser conduzida de duas formas - Avançada ou em Profundidade - pelo que se considera relevante e de interesse para este trabalho salientar o que as distingue.

A doutrina inglesa refere que a opção de se conduzir uma defesa predominantemente estática é função de:

- Forças com menor mobilidade que o Inimigo;
- Frentes relativamente estreitas;
- Profundidade da AOp limitada;
- Quando a missão impuser a manutenção de determinada área de terreno;
- Quando o terreno restringir a manobra inimiga;

⁶¹ Army Doctrine Publication - OPERATIONS-Vol1,1994.

- O tempo disponível é fundamental para garantir uma adequada organização do terreno.

Quais os factores determinantes que podem conduzir a uma defesa Avançada ou em Profundidade?

| DEFESA AVANÇADA | DEFESA EM PROFUNDIDADE |
|---|--|
| Existência de obstáculos naturais | Missões menos restritivas. |
| Disposição avançada de forças (Pontos Fortes) | Área de defesa profunda |
| Contra-ataques para repor a faixa defensiva ou imediatamente à frente desta | Terreno importante encontra-se na profundidade da AOp |
| | Terreno oferece naturais linhas de resistência na sua profundidade |

Doutrina Americana⁶²

Finalidade da Defensiva

- Derrotar o ataque inimigo
- Conduzem operações defensivas, como parte de operações e campanhas maiores
- As forças militares defendem até ganharem força suficiente para atacarem
- Para economizar forças
- Ganhar tempo
- Garantir a posse de terreno importante
- Facilitar operações futuras
- Criar condições para passar à ofensiva

| DEFESA MÓVEL | DEFESA DE ÁREA |
|--|---|
| Orienta-se para a força inimiga - destruição/derrota | Nega ao inimigo o acesso a um determinado terreno por um tempo específico |
| Conduz a defesa de área com um mínimo de forças | Defende com o máximo de forças |
| A força de penetração compreende mais de 2/3 do potencial de combate | A reserva compreende mais de 1/3 do potencial de combate |
| Inclui fogo e manobra | Inclui fogos cruzados (zona de morte) |
| Requer uma maior mobilidade do que o inimigo | Requer posições de apoio mútuo, avançadas em profundidade |
| A força de penetração ataca o inimigo em alturas decisivas | Derrota o inimigo com fogos cruzados e fogos conjuntos sincronizados |
| | Compreende elementos Estáticos e Móveis |

⁶² FM 71-100 DIVISION OPERATION-1996/FM 100-15 CORPS OPERATIONS-1996

Anexo G - Exemplos Históricos - Antecipação

1- No extracto da Bíblia citado constata-se que:

Por um lado, David, desarmado, corre em direcção a Golias, quando era esperado que a sua aproximação fosse feita com cuidado. Por outro lado, toda a conversação anterior, na tentativa de afectar a moral do adversário.

2- Rommel, aquando do início da sua campanha no Norte de África em 1941.

Colocando-se a dúvida de como derrotar os ingleses na Cirenaica e perante os três itinerários para perseguir o adversário, Rommel opta pela antecipação. Quebra a regra que estabelece que não se devem dividir forças face a um adversário que não esteja derrotado e divide a 5ª Div Lig pelos três itinerários. Pode-se concluir que:

- Optou por uma decisão que colocava de lado a tradicional segurança.
- O sucesso dependia mais da velocidade do que do poder do fogo.
- A velocidade, retirou aos Ingleses a oportunidade de se defenderem de forma eficaz.

3- Operação Torch

Em 1942 os aliados estavam aptos para desenvolver a sua operação inicial e consideravam como um dos objectivos mais importantes - a conquista do porto de Tunes e a ocupação da Tunísia. Apercebendo-se da importância deste objectivo, as forças alemães, deslocaram forças da Sicília e Sul de Itália, garantindo a posse deste ponto vital e antecipando-se ao plano aliado. Esta situação acarretou, mais quatro meses de combates, até que os aliados garantissem o controlo de Tunes e fizessem uso das suas instalações, tal como inicialmente pretendiam.

Anexo H - Exemplos Históricos - Deslocalização

1- Deslocalização posicional

a. Batalha de Leuctras - 371 AC

Em 379 AC, os habitantes de Tebas tinham organizado uma revolta contra a hegemonia de Esparta. Em 371AC, as negociações entre beligerantes tinham falhado por completo, e o Cleombrotus conduziu os seus guerreiros espartanos, cerca de onze mil, para a Boécia.

Epaminondas, Rei de Tebas, apenas podia dispor de seis mil soldados para se opor ao avanço do adversário. Numa inteligente aplicação táctica, Epaminondas fez recuar o seu flanco direito, escalando as suas forças na diagonal para a retaguarda e protegendo esse flanco com uma pequena força de cavalaria. Ao mesmo tempo, aumentou a profundidade da coluna na esquerda, de forma que conseguiu uma superioridade local sobre a direita dos Espartanos.

b. Blitzkrieg - 1940

Os planos franceses, para a defesa, dependiam da suposta inexpugnabilidade da Linha Maginot. Aqui, os planeadores, escolheram contemplar e contar com um cenário no qual os Alemães atacariam a linha fortificada ou rapidamente invadiriam a Bélgica, numa repetição do que tinha acontecido em 1914. Mas em vez de desperdiçar recursos, tempo e vidas num combate que se opunha ao forte do adversário, a Wehrmacht avançou através das Ardenas e ocupou Sedan..

2. Deslocalização Funcional

Esta acção tem por objectivo neutralizar ou tornar inapropriado o forte do adversário. Este efeito é geralmente conseguido através da tecnologia ou de manobras tácticas ou pela combinação de ambos. Reportando-nos ao exemplo Bíblico constata-se:

- Golias nunca utilizou as suas armas. Estes factores, dos quais dependia a “doutrina” de Golias, nunca puderam entrar em combate.
- David utilizou a funda para funcionalmente tornar irrelevante as armas do filisteu.

ANEXO I - Exemplos Históricos - Disrupção

1- Recorrendo uma vez mais ao exemplo Bíblico, pode-se definir o centro de gravidade dos filisteus - Golias. Logo que destruído o gigante por David, deixou de haver coesão entre os filisteus, que se puseram em fuga desordenadamente. Como tal, evitou o travar de uma batalha, na qual centenas, talvez milhares, teriam perdido a vida de ambos os lados.

2- Blitzkrieg

Desenhada para evitar as fortes linhas da frente e o combate de atrito associado aos combates da I G.M. com custos bastante elevados. A concepção das táticas da guerra ligeira tinham como objectivo paralisar a força adversária, ao atacar as suas vulneráveis áreas da retaguarda. Ao atacar os centros de comunicação e as linhas de abastecimento, os alemães, sabiam que poderiam lançar na confusão e desmoralizar comandantes e respectivas tropas.

3. A esmagadora derrota sofrida pelo exército Norte Coreano em finais de 1950 ocorreu, não através da sua destruição física, mas como resultado da invasão paralisante de Mac Arthur em Inchon e o simultâneo avanço rápido a partir de Pusan, após o qual a força adversária foi capturada ou desaparecia na confusão.

BIBLIOGRAFIA

- ALEXANDRE, Maj. José A. C .G. Marques; O CONFLITO ISRAELO - ÁRABE: A Guerra dos Seis Dias; Boletim do IAEM; N°39 - 1996
- ANTAL, John F., MANEUVER versus ATRITION, A Historical Perspective; Military Review, 4° Trim., 1992
- BARRENTO, Cor António E.Q.M.; PONTOS DE REFLEXÃO; Boletim IAEM; N°26 - 1991
- BARRENTO, Tc António E.Q.M.; REFLEXÕES SOBRE A DEFENSIVA; Revista Militar; n°s 7/8 - 1981
- CALÇADA, Tc José C.F.A.; ELEMENTOS DE TÁCTICA; IAEM – 1998
- CLAUSEWITZ, Carl Von, On War, Princeton University Presss, 1984
- EMERSON, Cor Harry M.; EDWARDS, Maj. Michael T.; DEEP OPERATIOS: A Look From BCTP At The Process - ALL 00005. Jpg
- FM 100 - 15; CORPS OPERATIONS, 1996
- FM 71 - 100; DIVISION OPERATION – 1996
- HART, Liddel, As Grandes Guerras da História, IBRASA, S. Paulo, 1982
- JORDAN, TC Billy J.; REARDON, TC Mark J.; REESTRUTURANDO A DIVISÃO: Uma Abordagem Organizacional e Operacional; Military Review; 2° Trim - 1999
- LEONHARD, Robert R.; THE ART OF MANEUVER, EUA, Presidie Press, 1991
- LIND, William S.; MANEUVER WARFARE HANDBOOK; Westview Press/Boulder and London - 1985
- LOPES, Cor Gilson G.; FM 100 - 5, OPERAÇÕES; Military Review; 4° Trim. - 1993
- MC 20-100; TÁCTICA DE ARTILHARIA DE CAMPANHA; EME - 1990
- Mc CORMICK, Maj. Michael; NOVO FM 100 - 5: Um Retorno à Arte Operacional; Military Review; 1° Trim 1998
- MILLER, Maj.Gen. John E.; BOGER, Maj. Daniel P.; OPERAÇÕES EM PROFUNDIDADE; Military Review; 3° Trim. – 1993
- MILLER, James G., Living Systems. Basic Concepts, Behavioral Science 1965
- NAÇÃO E DEFESA; O conceito Estratégico da Aliança - Versão cedida pela DGPDN/MDN
- NAVEH, Shimon; IN PURSUIT OF MILITARY EXCELLENCE - The Evolution of Operational Theory; Frank Cass Publishers - 1997 Cummings Center

- NELSEN II, Maj. John T.; AUFTRAGSTAKTIK: Um Argumento a Favor da Batalha Descentralizada; Parameters - 1987
- OPERATIONS - Army Doctrine Publication volume 1; Army code Nº 71565 - June 1994
- RC 130-1; OPERAÇÕES; EME - 1987
- RC 18-100; TÁCTICA DE AAA; EME - 1997
- Regulamento de Campanha - Operações; EME - 1971
- ROBINSON, Cor James R.; ROMMEL - O MITO; Military Review; 2º Trim. - 1998
- RODRIGUES, Cor. Roberto; AUFTRAGSTAKTIK: A Arte Prussiana de Comandar; Military Review; 3º Trim.-1999
- SANTOS, Gen. José A. Loureiro; COMO DEFENDER PORTUGAL; IAEM - 1991
- SPISZER, Maj. John M.; FM 100 - 5: O Combate da Era da Informação; Military Review; 1º Trim - 1998
- TR 70-30-08; ESTRATÉGIA NS 89-114 - IAEM
- TR 73-00-22, Influência do Armamento na História, NS 90108
- TWOHING, Cor John J .; STOKOWSKI, Maj. Thomas J.; RIVERA, Maj. Bienvenido; ESTRUTURANDO A DIVISÃO XXI; Military Review; 3º Trim. - 1999

Inimigo

Zona
Avançada

Zona de
Combate

Zona de
Retaguarda

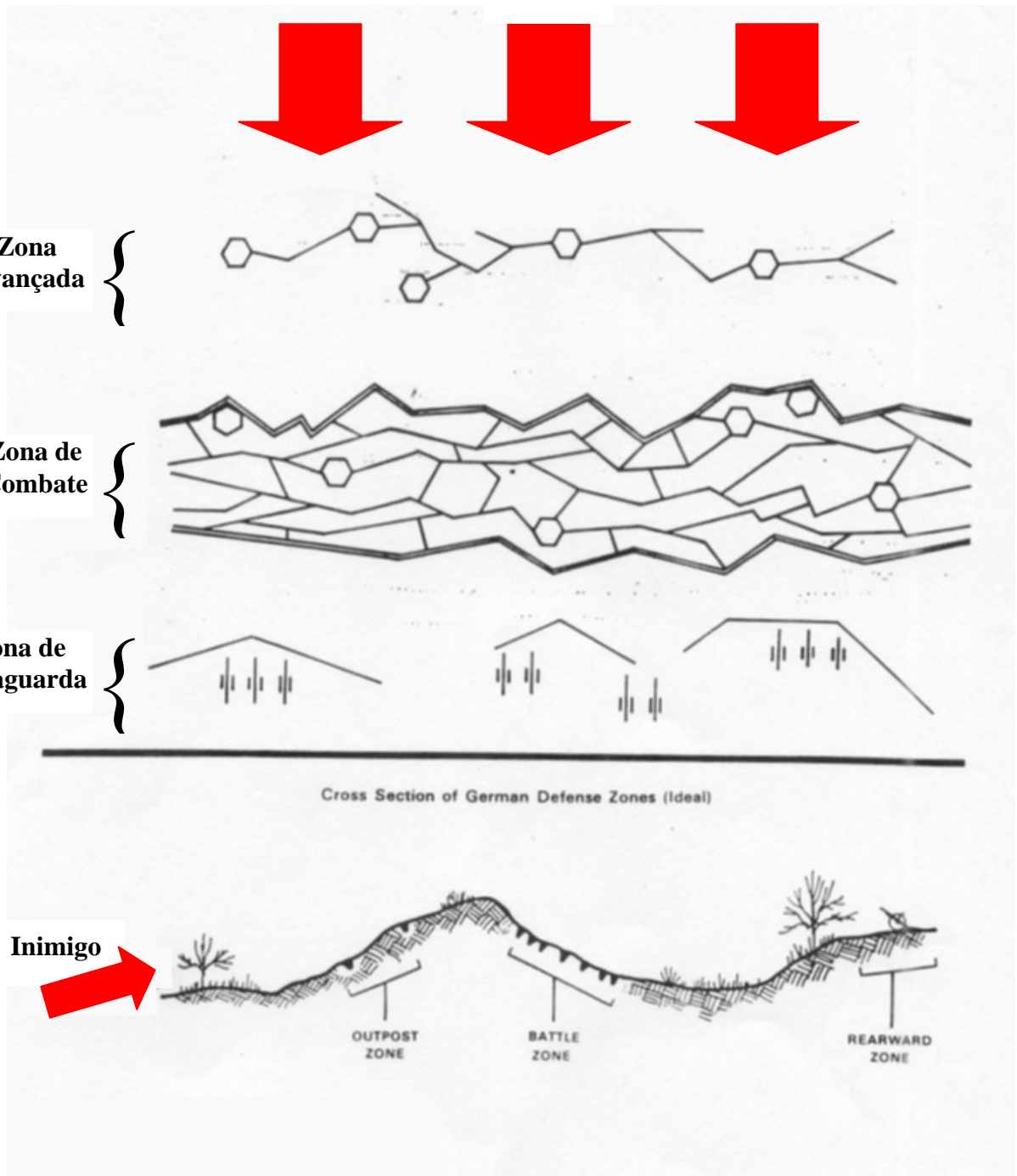
Cross Section of German Defense Zones (Ideal)

Inimigo

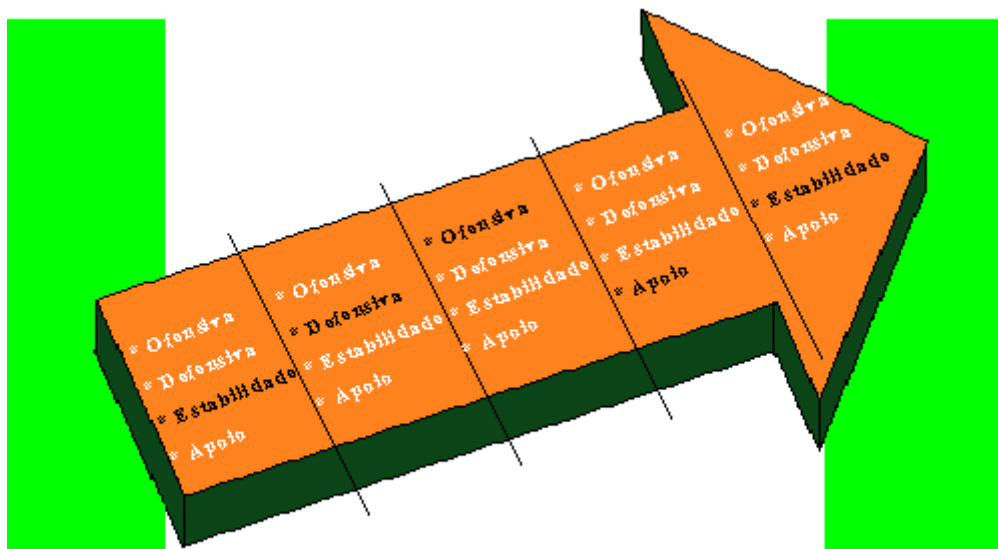
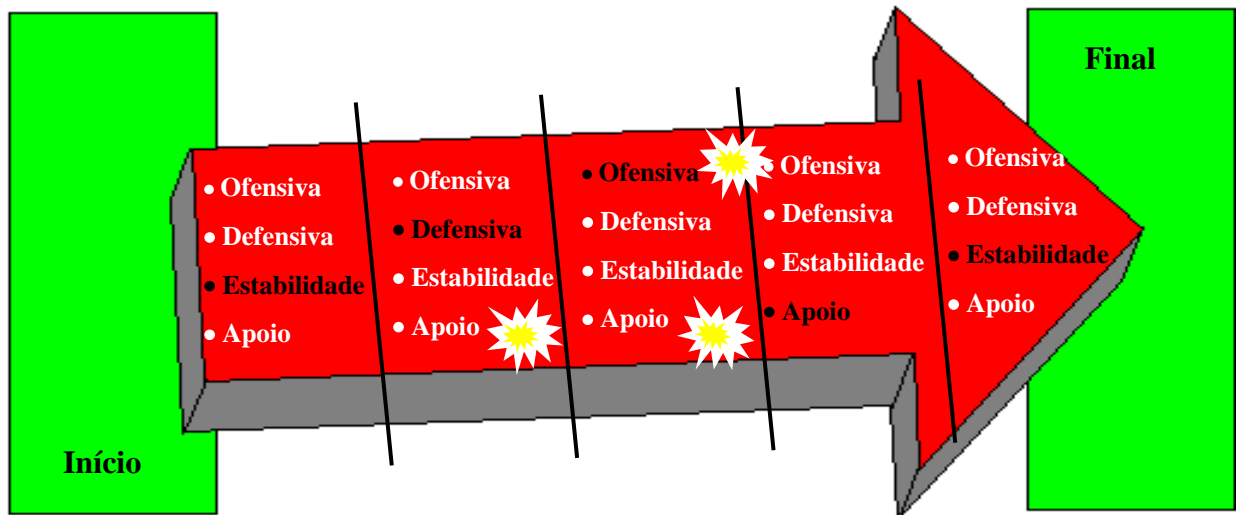
OUTPOST
ZONE

BATTLE
ZONE

REARWARD
ZONE





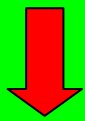


Continuum das Operações do Exército

ALTA



Probabilidade
de
Conflito
ou
Nível
de
Ameaça



BAIXA

Combate

Estabilidade

Apoio

Ataques e Ataques surpresa
Guerra Limitada
Guerra Total
Op Ev s/ cmb (não-permitida)
Imposição da paz
Anti-terrorismo
Manutenção da paz
Op Ev s/ Cmb (permitida)
Contra-droga
Calamidades Públicas
Apoio Civil
Op de Socorro às

